



Ordem Franciscana Secular e o Espelho da Perfeição

Jefferson Eduardo dos Santos Machado

2023

vol.1

Ordem Franciscana Secular e o Espelho da Perfeição

Jefferson Eduardo dos Santos Machado

**Rio de Janeiro
2023
Vol. 1**

Capa

José Benlliure

O povo vem a São Francisco

M149o Machado, Jefferson Eduardo dos Santos

Ordem Franciscana Secular e o Espelho da Perfeição / Jefferson Eduardo dos Santos
Machado 1. ed – Rio de Janeiro, 59 p.

ISBN 978-65-00-64069-4

1. Ordem Franciscana Secular. 2. Espelho da Perfeição. 3. Francisco de Assis.

CDU 271.973

Esta obra tem distribuição gratuita por meio eletrônico

Venda Proibida

11. Cristo, pondo toda a sua confiança no Pai, embora apreciase atenta e amorosamente as realidades criadas, escolheu para Si e para sua Mãe uma vida pobre e humilde; assim, os franciscanos seculares procurem, no desapego e no uso, um justo relacionamento com os bens temporais, simplificando as próprias exigências materiais; estejam, pois, conscientes de que, segundo o Evangelho, são administradores dos bens recebidos em favor dos filhos de Deus. Assim, no espírito das "Bem-aventuranças", se esforcem para purificar o coração de toda inclinação e avidez de posse e de dominação, como "peregrinos e forasteiros" a caminho da casa do Pai.

(Regra e Vida)

**Aos irmãos e irmãs da OFS
que desejam buscar uma reflexão mais profunda
sobre nosso carisma**

Sumário

INTRODUÇÃO.....	7
ESPELHO DE PERFEIÇÃO (EP).....	8
CAPÍTULO II - COMO S. FRANCISCO DECLAROU A SUA VONTADE E INTENÇÃO SOBRE A OBSERVÂNCIA DA POBREZA E COMO AS MANTEVE DESDE O PRINCÍPIO ATÉ AO FIM.....	11
CAPÍTULO V - DA OBSERVÂNCIA DA POBREZA NOS LIVROS, LEITOS, EDIFÍCIOS E UTENSÍLIOS.....	21
CAPÍTULO VII - COMO QUIS DEMOLIR UMA CASA QUE O POVO DE ASSIS CONSTRUÍRA EM SANTA MARIA DA PORCIÚNCULA.....	24
CAPÍTULO VIII - COMO REPREENDEU SEU VIGÁRIO POR TER MANDADO CONSTRUIR ALI UMA PEQUENA CASA PARA REZAR O OFÍCIO.....	27
CAPÍTULO IX - NÃO QUERIA FICAR NUMA CELA BONITA OU QUE DIZIAM SER SUA..	30
CAPÍTULO X (PARTE 1) - A MANEIRA DE ESCOLHER OS LUGARES NAS CIDADES E NELES CONSTRUIR, SEGUNDO A INTENÇÃO DE SÃO FRANCISCO.....	33
CAPÍTULO X - (PARTE 2) - A MANEIRA DE ESCOLHER OS LUGARES NAS CIDADES E NELES CONSTRUIR, SEGUNDO A INTENÇÃO DE SÃO FRANCISCO.....	36
CAPÍTULO XI - COMO OS FRADES, SOBRETUDO OS PRELADOS E OS DOUTOS, SE OPUSERAM A ELE NA CONSTRUÇÃO DE LUGARES E EDIFÍCIOS POBRESINHOS.....	39
CAPÍTULO XII - CONSIDERAVA ROUBO PEDIR ESMOLAS E UTILIZÁ-LAS ALÉM DA NECESSIDADE.....	42
CAPÍTULO XIII - COMO CRISTO LHE DISSE QUE NÃO QUERIA QUE OS FRADES POSSUÍSSEM COISA ALGUMA EM COMUM NEM EM PARTICULAR.....	44
CAPÍTULO XIV - A MALDIÇÃO DO DINHEIRO E COMO PUNIU UM FRADE QUE TOCOU O DINHEIRO.....	46
CAPÍTULO XV- SOBRE EVITAR A MACIEZ E A ABUNDÂNCIA DE TÚNICAS E TER PACIÊNCIA NAS NECESSIDADES.....	48
CAPÍTULO XVI - NÃO QUERIA SATISFAZER SEU CORPO COM AQUILO QUE JULGAVA FALTAR AOS OUTROS IRMÃOS.....	50
CAPÍTULO XVII - ENVERGONHAVA-SE DE VERDADE QUANDO VIA ALGUÉM MAIS POBRE DO QUE ELE.....	52
CAPÍTULO XVIII - COMO INDUZIU E ENSINOU OS PRIMEIROS FRADES A PEDIR ESMOLAS, PORQUE TINHAM VERGONHA.....	54
CAPÍTULO XIX - NÃO QUERIA QUE OS FRADES FOSSEM PREOCUPADOS E SOLÍCITOS PELO DIA DE AMANHÃ.....	57
CONCLUSÃO.....	59

INTRODUÇÃO

Esse livro é a compilação dos textos que fizeram parte do projeto da secretaria de comunicação da Ordem Franciscana Secular, que tinha como coordenador meu amigo Márcio Bernardo, que visava trazer reflexões para os irmãos e irmãs da OFS a partir da hagiografia franciscana Espelho da Perfeição.

Para o trabalho utilizamos a tradução feita pelo saudoso frade capuchinho José Pedroso publicada no site do Centro de Espiritualidade Franciscana da Província dos Frades Menores Capuchinhos de São Paulo.

Em cada capítulo temos o trecho de um capítulo, ou parte dele, seguido de uma reflexão e questionamentos finais, a fim de que sejam observados individualmente ou em fraternidade.

Paz e bem!

ESPELHO DE PERFEIÇÃO (EP)

PRÓLOGO

Aqui começa o Espelho de Perfeição do Frade Menor

CAPÍTULO I

Como S. Francisco respondeu a alguns ministros que não queriam observar a Regra que ele andava a escrever

1 Tendo-se extraviado a segunda Regra redigida por São Francisco, este, acompanhado de Fr. Leão e de Fr. Bonifácio de Bolonha, subiu a um monte com a finalidade de fazer outra Regra. E mandou-a escrever na forma que Cristo lhe inspirou.

2 Mas alguns ministros reuniram-se à volta de Fr. Elias, que era Vigário de S. Francisco, e disseram-lhe: «Ouvimos dizer que Fr. Francisco anda a escrever uma nova Regra e nós receamos que ele a faça tão rigorosa que não possamos observá-la. 3 Queremos, pois, que vás ter com ele e lhe digas que recusamos sujeitar-nos a esta nova Regra. Que a faça para ele, não para nós».

4 A isto respondeu Fr. Elias que não se atrevia a ir, pois receava uma forte reprimenda de Fr. Francisco. Mas os ministros tanto apertaram com ele que resolveu ir, desde que o acompanhassem. Então foram todos juntos. 5 Chegando ao lugar em que se encontrava S. Francisco, Fr. Elias chamou por ele. Ao ver os ministros, o santo perguntou: «O que é que querem estes meus frades?» 6 Logo Fr. Elias se explicou: «Estes frades são ministros que, ao ouvirem dizer que tencionas fazer nova Regra e receosos de que a faças ainda mais apertada do que as anteriores, dizem e protestam que não se querem obrigar a ela e que a faças para ti e não para eles».

7 Então S. Francisco voltou o rosto para o céu e falou assim com o Senhor: «Senhor, não te dizia eu que eles não me acreditariam?»

8 Naquele momento, todos ouviram a voz de Cristo, que lhes falava do céu: «Francisco, nada há na Regra que seja teu, mas tudo quanto nela se encontra a Mim pertence; quero que esta Regra seja observada à letra, à letra, à letra, sem glosa, sem glosa, sem glosa». 9 E acrescentou: «Eu sei de quanto é capaz a fragilidade humana e sei também quanto posso ajudar-vos. Aqueles que não quiserem observar a Regra saiam da Ordem». 10 Então S. Francisco voltou-se para os ministros e disse-lhes: «Ouvistes? Ouvistes? Ou quereis que vo-lo faça repetir?» Os ministros, reconhecendo a sua culpa, retiraram-se confusos e temerosos.

Reflexão

O primeiro capítulo do Espelho da Perfeição recebe como título: “S. Francisco respondeu a alguns ministros que não queriam observar a Regra que ele andava a escrever”. Esse é o sinal de que algo ia errado na Ordem. Mas o que isso tem a ver com nossa vida Franciscana Secular?

Segundo esta Legenda, alguns ministros foram até Fr. Elias. Estes queriam saber se Francisco estava a escrever outra regra e, caso fosse verdade, queriam que fosse

exclusivamente seguida por ele próprio. Não aceitavam a imposição de um novo documento com uma rigidez acima do que se propunham a seguir. Este contexto demonstra que o grupo estava com problemas. Em quantas de nossas fraternidades, em todos os níveis, não acontecem estes enfrentamentos? E em nossas famílias ou no trabalho? Lembremos que o debate e as discussões fazem parte do nosso viver.

Elias aceitou o pedido e foi até o Poverello. Chegando lá sabatinaram o fundador. Na conversa esclareceram que não queriam uma regra mais rígida do que a que tinham. O texto demonstra que os irmãos buscavam um distanciamento da essência do movimento. Viver a rigidez da pobreza e da humildade não é mais válido. Talvez seja visto como algo piegas e sem sentido.

O texto então leva o debate para o sobrenatural. O diálogo passa a ter outro participante. A legitimidade do que Francisco fazia é transferida para a intervenção divina. Francisco pergunta então: “Senhor, não te dizia eu que eles não me acreditam?” Cristo interpela a todos e afirma que a Regra é dele, que ele conhece a fragilidade humana e sabe até onde pode ir, convidando aos insatisfeitos a retirarem-se da Ordem.

Não estamos aqui para discutir a credibilidade dessas palavras. O que precisamos observar é que, em nome de seus desejos, os frades buscavam modificar o ideário do próprio fundador. A rigidez da proposta de Francisco passou a ser questionada. Será que questionamos nosso modo de viver também em nossas fraternidades da OFS? Será que também relutamos em seguir o previsto em nossa Regra?

O Evangelho é fundamental em nossa vida de franciscanas e franciscanos seculares. É a partir dele que escutamos o Cristo? Francisco sabe disso e nos propõe a adoção dele como parte de nossa vida. Diante disso, outro problema é a adaptação do Evangelho a nossa vida e não o contrário. A tendência é querermos que os princípios que deveriam nortear nossas vidas tornem-se muletas. Na verdade, eles devem ser trilhas, ou seja, caminhos que façam nos levar até a perfeição evangélica.

Não podemos questionar as bases do que temos que viver. Trombar com aquilo que deve ser o maior tesouro em nosso carisma é um erro. Isto é impróprio, pois somos aqueles que devem tornar presente o carisma do nosso Pai Seráfico na vida e na missão da Igreja.

Se um irmão ou irmã busca nos mostrar que não estamos seguindo a trilha do carisma, não podemos vê-los como pessoas inconvenientes. Precisamos abraçar nossa Regra e nosso convívio fraterno. Dialogar e buscar escutar o que o Senhor nos fala através do irmão. A retórica do texto mostra isso.

Temos que entender que inclusive nossas escolhas são baseadas também nos contextos em que vivemos. Nem sempre poderemos viver de forma mais abrangente o que

acreditamos. Mas, nosso esforço deve ser para isso. Se os Conselhos e Ministros tentarem nos iluminar o caminho através de nosso carisma, não podemos questionar com o intuito de tornar a trilha mais agradável.

Diferente dos frades que foram interpelar ao Poverello, temos que agir a partir da afirmação feita por Michel Hubaut sobre o leigo franciscano. Para ele este é o que sente o “apelo de seguir a Cristo, à maneira de Francisco de Assis, pois descobre uma cumplicidade espiritual com as intuições de Francisco”.

É isso que o texto tenta mostrar. Francisco faz o que Cristo quer. Quando propõe, não é uma proposição sua e sim do Senhor. Ao lermos e buscarmos seguir a vida franciscana, a partir da Regra e do Evangelho, nossos olhos precisam ver que é próprio Filho de Deus que constrói as trilhas que devemos seguir.

Será duro, mas doce!

Questionamentos:

Como estamos vivendo a radicalidade de nossa Regra?

Será que preferimos viver uma Regra nossa e não a da Ordem?

Os frades criaram conflitos diante da radicalidade do projeto. Mas e nós, como devemos vivenciar o que os exige nossa profissão?

CAPÍTULO II - COMO S. FRANCISCO DECLAROU A SUA VONTADE E INTENÇÃO SOBRE A OBSERVÂNCIA DA POBREZA E COMO AS MANTEVE DESDE O PRINCÍPIO ATÉ AO FIM

1 Fr. Ricério da Marca, nobre pelo nascimento mas mais ainda pela santidade, visitou, um dia, no palácio do Bispo de Assis, a S. Francisco, que por ele nutria singular afeição. No decorrer da conversa que teve com ele acerca do estado da Ordem e da observância da Regra, fez-lhe a pergunta seguinte: 2 «Diz-me, Pai, quais foram as tuas intenções, quando começaste a juntar frades; as intenções que tens hoje e que julgas manter até ao dia da tua morte. 3 Pois desejava certificar-me da tua primeira intenção e vontade, assim como da última. Quero que me declares se nós, os frades clérigos, que possuímos tantos livros, podemos tê-los conosco, embora digamos que pertencem à Ordem». 4 Respondeu-lhe S. Francisco: «Quero dizer-te, irmão, que esta foi e é a minha primeira e última intenção e vontade: se os frades me tivessem acreditado, nenhum devia ter consigo mais do que o hábito, tal como vem na Regra, com o cordão e os panos menores». 5 Mas, se algum frade objectar por que razão o bem-aventurado Francisco não mandou a seu tempo observar a estreita pobreza aos frades, nem teve qualquer empenho especial em que fosse observada da maneira que disse a Fr. Ricério, 6 nós que vivemos com ele, responderemos o que ouvimos da sua própria boca, porque ele declarou aos seus frades estas e muitas outras coisas. 7 Além disso, mandou exarar na Regra muitas prescrições que ele, no interesse da Ordem, tinha solicitado ao Senhor durante as suas orações e meditações. Afirmava que eram absolutamente conformes à vontade do Senhor. 8 Mas, depois de as ter dado a conhecer aos frades, estes encontraram-nas duras e impossíveis de suportar, não sendo então capazes de prever o que iria acontecer à Ordem depois da morte do Santo Pai. 9 Porque muito se receava do escândalo em si e nos outros, S. Francisco não queria embrulhar-se em discussões com os frades, mas condescendia, contrariado, com a vontade deles, desculpando-se depois perante o Senhor. 10 Mas, para que a palavra que o Senhor tinha depositado em seus lábios, para utilidade dos frades, não resultasse fruste, quis cumpri-la em si mesmo para obter do Senhor a prometida recompensa. Assim, finalmente, encontrou sossego e consolação para o seu espírito.

REFLEXÃO

Vamos tratar neste texto da primeira parte do Espelho da Perfeição, que vem logo após o Prólogo e tem como título “Da Perfeita Pobreza”. Este trecho inicia com o segundo capítulo que foi intitulado: “Como S. Francisco declarou a sua vontade e intenção sobre a observância da pobreza e como as manteve desde o princípio até ao fim”.

Neste, o Santo travou um diálogo com Frei Ricério de Marca, que fazia parte do grupo de clérigos letrados. Na verdade, o religioso foi discutir sobre a questão da posse de livros entre os frades. O texto deixa claro que os livros oficialmente pertenciam à Ordem, ou seja, ao coletivo, mas, na prática, eram uma propriedade velada dos indivíduos pertencentes à instituição franciscana. O que vemos é que há um embate sobre a questão da posse de bens. Para entendermos isso, temos que saber atentar para o fato de que os livros, que hoje já são caros, possuíam um valor ainda mais elevado no período em que a Ordem dos Frades Menores estava se construindo. Era um produto que agregava um grande valor monetário devido ao processo custoso de produção. Quem os possuía fazia parte do grupo que dominava a sociedade, ou seja, tinha um elevado status social.

Como no Prólogo do Espelho da Perfeição, vamos ver o fundador optar pela total ausência de posses. O autor do texto narra que, por Francisco, os únicos bens dos frades, deveriam ser o hábito, o cordão e os panos menores. Aqueles que aderiram ao projeto franciscano posteriormente não conseguiam abraçar de forma completa o ideário. Tinham dificuldade em entender o que Francisco colocou desde o início de sua conversão.

O autor então conclama a outros irmãos que, assim como ele, vivenciaram os primórdios da criação de tal estilo de vida a tornarem-se testemunhas do desejo de Francisco. Esta fala nos faz retornar a frase de Santa Clara, “não perca de vista o ponto de partida”. Informa-nos que aqueles que viveram próximos ao Irmão de Assis, tornaram-se, na visão de quem faz o relato, as testemunhas fidedignas dos desejos dele. O texto quer nos levar a pensar sobre isso. Se alguém inventar alguma moda nova, estes frades serão uma forma de pedra de tropeço.

Assim como no Prólogo, há um retorno, em uma linguagem menos sobrenatural, à presença do Cristo nas decisões tomadas pelo Poverello. Desta forma, as ideias oriundas dos pedidos feitos ao Senhor, durante suas orações e meditações, são incontestáveis. Mesmo assim, como denuncia o escrito, isso não foi suficiente para que os irmãos aceitassem seguir a trilha do caminho espiritual franciscano.

Sem dúvida, esta discussão permeou e ainda permeia a vida franciscana. Porém, naquele momento foi responsável por muitas divisões. Francisco, como um amante da fraternidade, aceitou a vontade da maioria apoiada pela Igreja. Mesmo sofrendo, preferiu manter os irmãos unidos. Porém, após sua morte isso foi impossível.

Isto tem que servir para nossa vida fraterna. Lembrar que nem todos estarão em condições de abraçar a radicalidade. Mas, também não se pode possibilitar o afrouxamento da vivência do carisma por preguiça e desleixo de muitos. O bom senso

deve prevalecer. Para isso, o período de formação é essencial. Devemos expor todas as diretrizes e necessidades da vida fraterna franciscariana.

Se ideias “revolucionárias” nos distanciarem da originalidade da vivência do Evangelho, proposto para nós, devemos ser firmes em nossos posicionamentos.

Outro ponto importante do texto é a experiência pessoal. Francisco resolveu viver o que propunha de forma individual. Isso é um ponto fundamental, Devemos viver as propostas franciscanas individualmente. Aí, como o rio que corre para o mar, passaremos a impregnar a fraternidade com a vivência do ideal.

Agora, se nós achamos linda a forma de outras experiências religiosas viverem o sagrado, devemos tomar cuidado em não abafar a forma franciscana em prol das novidades. Uma fé baseada na individualidade e prosperidade é totalmente contra o ideal de pobreza proposto por Francisco e seus primeiros frades para os grupos de penitentes que formaram a Ordem Terceira de São Francisco.

Nossa regra afirma que “Cristo, confiado no Pai, embora apreciasse atenta e amorosamente as realidades criadas, escolheu para si e para sua mãe uma vida humilde. Assim os franciscanos seculares procurem, no desapego, um justo relacionamento com os bens temporais, simplificando suas próprias exigências materiais. Estejam conscientes de que, segundo o Evangelho, são administradores dos bens recebidos, em favor dos filhos de Deus” (n.11).

Este é o caminho. Se temos que usar os bens, temos que ter desapego. Nada é nosso! Só o essencial, ou seja, a túnica, o cordão e os panos menores. Ter o mínimo é o necessário. Para que termos cinco propriedades? Para que termos uma biblioteca inteira com centenas de livros? Para que termos 40 pares de sapatos? Será que preciso usar aparelhos eletrônicos caríssimos? O que realmente é necessário para uma vida franciscana?

Não podemos ser o frade que, em nome de uma necessidade, que julgamos maior, deixa de lado o que é essencial ao nosso modo de vida.

Questionamentos:

Como é sua relação com os bens materiais? Poderíamos dizer que vive franciscanamente esta relação?

Com sua fraternidade vive a relação com os bens materiais? Tem algo que achamos que precisa mudar?

Que contribuição a formação com os escritos e a Regra e Vida, a partir do tema proposto, pode trazer para a nossa família, a Igreja e a sociedade como um todo?

CAPÍTULO III - COMO S. FRANCISCO RESPONDEU AO MINISTRO QUE QUERIA TER LIVROS COM A SUA PERMISSÃO E COMO OS MINISTROS, SEM ELE SABER, FIZERAM SUPRIMIR DA REGRA O CAPÍTULO SOBRE AS PROIBIÇÕES DO EVANGELHO

1 Um dia, depois de S. Francisco ter regressado da sua viagem ao Oriente, um ministro, que se entretinha a falar com ele sobre a pobreza, quis conhecer nesta matéria o pensamento e a vontade do Fundador, 2 tanto mais que então a Regra continha um capítulo sobre as proibições do Santo Evangelho: «Não leveis nada para o caminho», etc.

3 Respondeu-lhe S. Francisco: «Eu penso que os frades nada mais devem possuir do que o hábito com o cordão e os panos menores, como está mandado na Regra. Mas aqueles que se virem compelidos pela necessidade poderão usar calçado». 4 Tornou-lhe o ministro: «Que hei-de fazer então se tenho livros, cujo valor ultrapassa 50 libras?» Falou assim, porque o que ele desejava era possuí-los de consciência tranquila, pois não ignorava que S. Francisco interpretava com rigor o capítulo da pobreza. 5 Replicou-lhe o Santo: «Não quero, nem devo, nem posso ir contra a minha consciência nem contra a perfeição do Santo Evangelho, que nos comprometemos a observar». 6 Ouvindo esta resposta, o ministro ficou triste. S. Francisco, notando a sua perturbação, disse-lhe o que desejaria dizer a todos os frades: «Vós quereis passar por Frades Menores aos olhos dos homens e ser tidos na conta de observantes do Santo Evangelho. Porém, ao mesmo tempo, tudo fazeis para possuir bolsas bem recheadas». 7 Na verdade, ainda que os ministros soubessem que a Regra os obrigava a observar o Santo Evangelho, mandaram suprimir da mesma aquele capítulo em que se lê: «Não leveis nada para o caminho», etc., julgando que não estavam obrigados a observar a perfeição do Evangelho. 8 Quando S. Francisco, por inspiração divina, tomou disto conhecimento, disse na presença de alguns frades: «Os irmãos ministros pensam enganar-nos, a Deus e a mim. Mas, para que os frades saibam que estão obrigados a observar o Santo Evangelho, quero que no princípio e no fim da Regra venha exarado que os frades têm a obrigação de observar firmemente o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. 9 E, para que os frades não tenham jamais desculpa, desde que lhes anunciei e anuncio o que o Senhor se dignou pôr nos meus lábios para minha salvação e deles, quero cumprir estas prescrições na presença de Deus e com a Sua ajuda». 10 Assim foi na verdade, pois observou o Santo Evangelho integralmente, desde o dia em que começou a reunir frades até ao dia da sua morte.

REFLEXÃO

Continuando nossas reflexões, vemos o que para Francisco é fundamental e é a chave de leitura de todos os franciscanos, incluindo a nós franciscanos seculares: “quero que no princípio e no fim da Regra venha exarado que os frades têm a obrigação de observar firmemente o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Temos que compreender isso de forma integral!

Então vamos destrinchar mais este capítulo, o terceiro do Espelho da Perfeição. Primeiro, no Prólogo, um grupo de ministros vai até Elias para demover Francisco de sua ideia de pobreza radical. Depois é a vez de um intelectual tentar modificar seus pensamentos. Agora parece-nos ser um misto dos dois anteriores. Um ministro intelectual.

Vemos que neste capítulo e no anterior, a necessidade de estudar, uma imposição que a Igreja fazia para a vida religiosa, serve de mote para contestar a pobreza. Aqui, um frade o questiona e Francisco começa informando, assim como antes, que os frades deveriam ter um *hábito com cordão e uns panos menores*. Porém, abre uma exceção, autorizando o uso de um calçado.

O ministro lança uma pergunta sobre a posse de livros. Trata-se de uma armadilha. Se Francisco se coloca contra os estudos estará contra a Igreja. Demonstra também a transformação que a instituição havia passado ao acolher uma grande quantidade de sacerdotes e intelectuais. E apresenta também um problema: estes livros, assim como as ferramentas que o fundador autorizava aos frades, eram instrumentos de trabalho.

O Irmão de Assis não lança uma proibição direta. Afirma, na verdade, a necessidade de observar o Evangelho. Com este chamamento ele quer que os frades tenham a experiência de Cristo como base. Porém eles não entenderam. Muitos se perturbaram, criaram celeumas e, por fim, modificaram a Regra. Segundo o Poverello, todos que inicialmente queriam ser frades menores, aceitavam tudo, mas, posteriormente, mesmo que exteriormente tivessem a figura de *observantes do Evangelho*, acabavam tendo como um de seus principais objetivos os bens materiais.

E em nossas fraternidades seculares, será que não agimos assim? Fazemos o período de formação, aceitamos a “regra do jogo” e depois passamos a buscar coisas que nada tem a ver com o que professamos?

O texto hagiográfico informa que todos sabiam que o principal era seguir o Evangelho. Mas, mesmo assim, optaram em suprimir a parte da Regra que dizia: “*Não leveis nada para o caminho*”.

Diante disso, mais uma vez, ele clama pela autoridade de Cristo. Segundo o texto, o que Francisco admoestava era ordenado por Deus. Ele era apenas um alto-falante. Replicava os preceitos que Jesus queria que os frades vivessem. Agora, se os irmãos não o quisessem, ele viveria individualmente, como os outros textos afirmaram anteriormente. Apesar de sua grande paixão pela vida fraterna, o fundador sinaliza que, mesmo que a fraternidade não queira, temos que viver o que professamos.

Para nossas fraternidades seculares, este texto deixa um grande ensinamento. Nossos ministros, não podem ser como estes que o texto trata. Estes buscavam fazer sempre o contrário do que é proposto pelo Evangelho, ou seja, pelo próprio Cristo. Não escutavam a voz de Francisco. Foram contra a Regra. Tentaram modificá-la para “amaciar” a forma de vida.

Cristo é nosso exemplo de humildade. Ele se humilhou para nos salvar! Porém, mesmo assim, nós não queremos buscar a humildade. Se os irmãos, principalmente as

lideranças, buscam viver o fausto, a riqueza, o luxo, levar vantagem nas negociações, infelizmente abandonaram o que é o importante, o seguimento do Evangelho.

Segundo Raniero Cantalamessa, no livro Obediência:

(...) A obediência de Jesus consistia em fazer a vontade do Pai, Cristo é já, mesmo como homem, a personificação mesma da vontade do Pai. Sua vida e sua palavra são a forma concreta que para nós assumiu a atual vontade de Deus. (...) Obedecendo ao Pai, Cristo tornou-se causa de salvação para aqueles que agora o obedecem! A vontade de Jesus é a mesma vontade do Pai. Obedecer a Cristo não é obedecer a um intermediário, mas ao mesmo Deus. A obediência ao Evangelho é a nova forma assumida pela obediência a Deus com o advento da Nova Aliança.

Franciscanos seculares que somos, mesmo parecendo sermos observantes do Evangelho, não podemos ter como fim último de nossas vidas os bens materiais. Trabalhar de sol a sol para conseguir aumentar nossa riqueza e abandonar a vida em família e em fraternidade em nome do poder, que vem com o dinheiro, são ilusões que não combinam com a vida franciscana. Obedecer ao Senhor, como diz Cantalamessa, é obedecer ao Evangelho. Não nos preocupemos então em abarrotar os celeiros. Nos preocupemos em viver o Amor.

Não podemos, assim como o ministro do texto, criar situações, com o intuito de modificar as bases de nosso carisma. As fraternidades devem trilhar os caminhos de Jesus, que foram pregados e vividos por Francisco.

Por fim, assim como no outro texto, a vivência dos elementos da vida franciscana secular são responsabilidade de todos. Seja em fraternidade ou individualmente, professamos esta vivência do Evangelho.

Um outro ensinamento que podemos tirar deste texto é a necessidade de obediência aos desejos de Deus. Francisco tinha a pobreza como fundamental, pois captou, no Evangelho, o quão importante ela foi no ministério de Cristo. Sua obediência a Ele passa pela fiel observância dos ditames do Senhor. A pobreza é a essência do Cristianismo.

QUESTIONAMENTOS

Será que nossas fraternidades da OFS têm sido obedientes ao chamado de Cristo?

Como tem sido o serviço dos irmãos que assumem funções? Eles têm buscado a obediência ao Evangelho ou usam seus serviços de forma equivocada?

E nós (eu) tenho sido um irmão coerente com minha profissão? Tenho buscado servir bem minha fraternidade?

CAPÍTULO IV - DO NOVIÇO QUE DESEJAVA TER UM SALTÉRIO COM A PERMISSÃO DE S. FRANCISCO

1 Certo dia, um noviço que sabia ler no saltério, ainda que não muito bem, obteve do Ministro Geral autorização para ter um. 2 Mas, porque ouvira dizer que S. Francisco não queria que seus frades tivessem a paixão da ciência e dos livros, não se contentou com esta permissão e quis obter também a de S. Francisco. 4 Passando o Santo pelo lugar onde se encontrava o noviço, este disse-lhe: «Pai, é para mim grande consolação ter um saltério, mas, se bem que já tenha licença do Ministro Geral, não quero usá-lo sem o teu consentimento». S. Francisco respondeu-lhe: «O imperador Carlos Magno, Rolando e Olivério e todos os paladinos e varões que se mostraram valentes na guerra, combatendo contra os infiéis até à morte, sem se pouparem a suores e fadigas, obtiveram sobre eles memoráveis vitórias. 5 Por fim, morreram em combate, como mártires santos, pela fé de Cristo. Hoje, porém, há muitos que só querem receber honras e louvores, pondo-se a contar o que fizeram os heróis. 6 Assim, também entre os nossos, muitos querem receber honras e louvores, recitando e propalando as obras que os santos fizeram». 7 Queria dizer que não se devia cuidar dos livros e do saber, mas das obras virtuosas, porque «a ciência incha e a caridade edifica». 8 Passados alguns dias, estando S. Francisco sentado ao lume, o noviço voltou a falar-lhe no saltério. 9 S. Francisco disse-lhe: «Depois do saltério, apetece-te um breviário. E, cumpridos os teus desejos, repimpas-te numa poltrona, tomas ares de grande prelado e ordenas ao teu irmão: —Traz-me cá o breviário! ll» 10 Dizendo estas coisas com grande fervor de espírito, S. Francisco pegou em cinza e pô-la na cabeça, traçando um círculo à volta, como se estivesse a lavá-la, e dizendo ao mesmo tempo: «Eu sou o breviário! Eu sou o breviário!» Repetiu muitas vezes estas palavras, passando a mão à volta da cabeça, com grande vergonha e confusão daquele frade. 11 Depois, S. Francisco acrescentou: «Irmão, também eu sofri a tentação de ter livros, mas, para saber a este respeito a vontade do Senhor, peguei no livro onde estavam os seus Evangelhos e pedi-lhe para que me mostrasse a sua vontade na primeira página que eu abrisse. 12 Terminada a oração, a primeira passagem que se deparou aos meus olhos foi a palavra do Santo Evangelho: —A vós foi-vos dado conhecer os mistérios do Reino de Deus, mas aos outros fala-se-lhes em parábolas». 13 E acrescentou: «São tantos os homens que desejam ascender à ciência, que devemos ter por feliz aquele que se fizer ignorante por amor do Senhor Deus». 14 Passados muitos meses, estando S. Francisco em Santa Maria da Porciúncula, perto da cela que ficava atrás da casa, à beira do caminho, o dito frade voltou a falar-lhe do saltério. 15 S. Francisco disse-lhe: «Vai e faz como te disse o Ministro». Ouvindo tal resposta, o frade voltou costas e pôs-se a caminho do seu eremitério. 16 S. Francisco, tendo permanecido no caminho, começou a refletir sobre o que dissera àquele frade. Imediatamente o chamou, gritando: «Espera aí, irmão, espera aí!» 17 Tendo-o alcançado, disse-lhe: «Volta comigo atrás e mostra-me o lugar onde te disse para obedeceres às ordens do teu Ministro no que respeita ao saltério». 18 Tendo chegado a esse lugar, S. Francisco ajoelhou-se aos pés daquele frade e disse-lhe: «Eu é que tive a culpa, irmão, eu é que tive a culpa, 19 porque todo aquele que quiser ser frade menor não deve possuir mais do que uma túnica, tal como a Regra lho permite, cordão e panos menores; calçado, só em tempo de manifesta necessidade». 20 Desde então, sempre que os frades vinham pedir-lhe conselho sobre este assunto, respondia-lhes do mesmo modo. 21 Por isso, repetia muitas vezes: «Toda a ciência do homem está nas suas obras e as palavras dum religioso têm de ser comprovadas pelas suas ações, pois pelo fruto se conhece a árvore».

REFLEXÃO

No quarto capítulo o texto volta ao assunto dos livros e da discussão sobre o poder que representa possuir bens. Agora trata-se de um noviço que pede a autorização ao seu ministro para possuir um saltério. Lembremos que o primeiro frade que pediu a posse de livros, no capítulo II, tinha uma ideia de que os livros fossem comunitários. Neste já acontece uma “evolução”. Os frades, inclusive os noviços, já iniciam sua vida franciscana solicitando um saltério. Lembremos que o saltério na Idade Média era um livro muito bem-acabado. Possuía muitas iluminuras, sendo por isso considerado um livro luxuoso e muito caro. Ter esse tipo de publicação era sim ter um bem e somente os grandes mosteiros e igrejas os possuíam, assim como as pessoas de alto poder financeiro.

Mesmo assim, os frades passaram a ter o direito a possuí-los. Lógico que, como podemos ver no texto, Francisco era contra. O que nos chama a atenção é que o EP (Espelho da Perfeição) realmente quer frisar a influência dos intelectuais nas mudanças feitas no ideário original. Isso é importante. A Ordem deixava de ser levada pela intuição. Passou a elaborar suas ações de maneira mais sistemática e isso fazia com que a sua essência fosse transformada. Esse fenômeno trouxe muitos embates entre dois grupos que radicalizaram em suas atitudes. Os primeiros, aos quais parece que o autor do EP esteja vinculado, eram os que acreditavam lutar pela manutenção do ideário dos primeiros frades e os outros eram aqueles que apostavam em uma mudança como forma de viver melhor o Evangelho.

Diante do exemplo fornecido pelo texto, vale a pena abriremos parênteses para falar um pouco de formação e ingresso de novos irmãos nas fraternidades da OFS. Segundo a Regra, em seu artigo 22, a fraternidade local é “o lugar e o espaço que gera e forma cada vocação”. Porém, também cada um de nós somos responsáveis pela manutenção de nossa formação permanente.

No período de formação, deve-se primar pelos elementos mais fundamentais do carisma. O desapego e consciência de como devemos usar os bens materiais é um dos pontos importantes. Será que, mesmo com autorização da Regra, o ministro deveria autorizar de forma indiscriminada o uso do saltério?

Vemos então que os irmãos que entravam na Ordem dos Frades Menores já vinham com valores diferentes aos pregados pelo fundador. Além disso, a atitude daqueles que deveriam formá-los era achar normal as transformações na forma de vida.

No caso da orientação que Francisco dá ao noviço, ele afirmou que também queria ter livros. Isso é uma colocação importante. Ele deixa claro que também tem que abandonar desejos para seguir o caminho. Ele coloca o exemplo como fundamental. Abandonar desejos e vontades em nome do Reino é um passo importante. Mostra o fascínio que o

saber causa nas pessoas. Porém, afirmou mais uma vez que o que importava era a sabedoria advinda do Evangelho.

Como já afirmamos em outro momento, o saber é gerador de sentimentos que por vezes vão contra alguns princípios do carisma franciscano. Lutar, trabalhar, lecionar, rezar, ou realizar qualquer outra atividade em nome de Deus, mas que, na verdade, trata-se de uma busca de honra e reconhecimento, transforma a atitude em prática vã. É sobre isso que o Poverello trata. A fraqueza humana nos leva a instrumentalizar os bens e utilizá-los somente para o nosso bem-estar.

O saber não é o mais importante. Ele faz parte da vida humana. Nos ajuda a discernir e a modificar realidades que antes eram opressoras e injustas. Mas, ele não pode ser por si só instrumento de dominação. Ele deve ser partilhado e discernido em fraternidade. Entre os irmãos não deve haver disputas de quem sabe mais.

Por uma segunda vez Francisco se encontra com o Noviço. Este o questiona novamente sobre o saltério. O Santo de Assis, em um momento de perda de paciência, manda-o seguir o que o Ministro havia falado. Volta atrás na decisão e pede ao frade para ir com ele até o local onde havia falado para ele obedecer. Parece que quer apagar a cena anterior. Aí o admoesta como de costume, ou seja, o ideal seria ter uma túnica, cordão e panos menores. O autor então cita a seguinte fala de Francisco: «Toda a ciência do homem está nas suas obras e as palavras dum religioso têm de ser comprovadas pelas suas ações, pois pelo fruto se conhece a árvore».

E aí vem outro ensinamento que é muito precioso para todos nós franciscanos. O que importa em nossa vida são as atitudes que tomamos. As palavras fazem parte da formação. O Estudo e compreensão do que devemos ser é importante. Mas, para que o Evangelho seja realmente pregado e entendido o importante é a ação.

QUESTIONAMENTOS

Nós estamos atentos à formação de nossos iniciantes ou estamos preocupados apenas em aumentar o número de irmãos de nossas fraternidades?

As atitudes individuais e coletivas de nossas fraternidades refletem o que o nosso carisma pede?

Será que em nossa fraternidade replicamos o que é feito na sociedade, ou seja, medimos a importância de cada irmão ou irmã pelos seus diplomas e condição financeira? Será que quando nos encontramos todos somos iguais?

CAPÍTULO V - DA OBSERVÂNCIA DA POBREZA NOS LIVROS, LEITOS, EDIFÍCIOS E UTENSÍLIOS

1 O Santo Pai ensinava os frades a procurar nos livros, não o valor material, mas o testemunho do Senhor; não a beleza, mas o proveito espiritual. Queria que tivessem somente alguns em comum, e sempre à disposição dos frades que deles necessitassem. 2 Nos leitos e roupas reinava uma tal pobreza, que farrapos miseráveis estendidos sobre a palha passavam por bons colchões. 3 Ensinava também seus frades a construir casas pequenas e muito pobres, choupanas de madeira e não de pedra, de aspecto muito humilde. Detestava não só o luxo das casas como também os utensílios muito numerosos e requintados. 4 Não queria nada nas mesas e na baixela que lhe recordasse o mundo, mas que tudo proclamasse a pobreza e cantasse a condição de peregrinos e de exilados.

REFLEXÃO

Este capítulo traça um retrato mais amplo do que o fundador desejava para a vida daqueles que seguissem seu carisma. E nesse, nós irmãos franciscanos seculares, temos ensinamentos profundos para nossa vivência franciscana. São quatro itens que entram em discussão: livros, leitos, edifícios e utensílios. Tratam de como deve ser nossa precariedade.

Quando trata dos livros o texto não os negligencia. Eles são importantes, pois suas palavras nos revelam o que o Senhor fez e o que devemos fazer, a partir de Seu exemplo. Este tema também aparece nas Admoestações, conjunto de orientações espirituais recolhidas pelos primeiros frades. Nela está expressa assim a forma como devem ser vistos os textos sagrados:

(...)E são mortos pela letra os religiosos que não querem seguir o espírito da letra divina mas só desejam saber mais as palavras e interpretá-las para os outros.(...) E vivificados pelo espírito da letra divina são aqueles que não atribuem ao corpo toda letra que sabem e desejam saber mas por palavra e exemplo devolvem-nas ao altíssimo Senhor Deus, de quem é todo bem.(Ad. 7,3-4)

Desta forma, as Escrituras e o conhecimento adquiridos nos livros devem ser usadas para espalhar o exemplo de Cristo na Terra. Voltamos a ideia de que o viver é mais profundo que o saber. Sabedoria sem vivência de nada adianta. Isso é muito importante para nossa vida fraterna. Não podemos usar nossos dons de maneira a nos vangloriarmos por eles.

Quanto aos leitos e prédios suas orientações são bem conhecidas. Como cita São Boaventura na Legenda Maior, o Irmão Menor chegou a derrubar algumas casas e deixou claro que não deveriam ser moradias grandes como as dos ricos. Na verdade, os irmãos deveriam construir casas pequenas e pobres. Essas posses deveriam ser vistas como temporárias, pois os frades e penitentes devem agir como peregrinos e forasteiros, da forma como ele expôs no seu Testamento. O desapego é fundamental! Não é um mero detalhe!

Certamente, muitos de nós vamos achar que isso é um exagero. Em uma sociedade de consumo, como a que vivemos hoje, isso vai soar como algo radical. Será que é isso? Se pararmos para ler sobre a sociedade em que viveu Francisco entenderemos suas preocupações. As cidades estavam a crescer e o comércio passou a ser uma atividade importante. Assim como hoje, todos queriam comprar novidades. Francisco pertenceu ao grupo que hoje a História chama de burgueses. Estes “novos-ricos” passaram a buscar a ostentação como instrumento de seu poder. Era assim que mostravam que tinham que ser respeitados na sociedade onde até então quem mandava eram os nobres.

O Poverello, ao conviver com estes, sabia que esse modo de vida trazia uma prática cristã distante do que deveria ser uma vida de penitência. Nisso encontramos um dos pontos cruciais de nosso carisma. Muitos de nós podemos ter casas luxuosas, carros caríssimos, objetos valiosos, mas devemos questionar se isso está de acordo com a vida que professamos. Não cabem aqui julgamentos. Temos muitas traves em nossos olhos para tratar do cisco dos irmãos. Porém, a reflexão é importante.

Muitas fraternidades no passado possuíam bens de grande valor e isso afastou os irmãos do ideal. Não podemos perder isso de vista. Como dizia Santa Clara: Não perca de vista seu ponto de partida.

Sabemos que tudo que é luxuoso nos chama atenção, por isso condenava o requinte e as baixelas, que nesse texto tornaram-se símbolos daquilo que a cristandade colocava no lugar do Altíssimo. Nas sociedades industrializadas atuais o luxo é algo comum. Mas, isso não pode afetar a vida fraterna. Essa era a preocupação de Francisco. Jesus era pobre, não tinha onde reclinar a cabeça. Nós não devemos viver diferente do mestre. A simplicidade deve permear e balizar nossas vidas. A pergunta que sempre deveria ser feita é: somos detentores de algo ou este algo nos aprisiona?

Peregrinos que somos devemos carregar o mínimo possível em nosso coração. Ou seja, a preocupação com os bens não é principal. Como forasteiros devemos ser sinal de leveza e arautos do Senhor por onde quer que passamos.

QUESTIONAMENTOS

Como devemos então lidar com os bens que a sociedade no entorno valoriza e muitas vezes atribui valores maiores que a criação de Deus?

E quanto aos bens das fraternidades, como devemos geri-los e que papel devem ter na fraternidade?

E pessoalmente, mesmo que nossas profissões, cargos ou posição social nos proporcionem acesso a bens materiais de valor elevado, como deve ser nosso comportamento? Ou seja, que papel devem ocupar em nossas vidas? Devemos ser colecionadores ou acumuladores?

CAPÍTULO VII - COMO QUIS DEMOLIR UMA CASA QUE O POVO DE ASSIS CONSTRUÍRA EM SANTA MARIA DA PORCIÚNCULA.

1 Aproximando-se o tempo do Capítulo geral, que se realizava todos os anos em Santa Maria da Porciúncula, vendo que os frades se multiplicavam a cada dia e que anualmente todos se reuniam ali — e não tinham senão uma pequena cabana, coberta de palhas, cujas paredes eram de ramos e barro — 2 o povo de Assis reuniu seu conselho e, em poucos dias, com muita pressa e devoção, levantaram ali uma grande casa, construída de pedra e cal, sem o consenso de São Francisco e na sua ausência.

3 (...) Temendo que, a pretexto daquela casa, os outros frades também mandassem edificar grandes habitações nos lugares onde moravam ou haveriam de morar 4 e porque desejava que aquele lugar sempre fosse o modelo e o exemplo para todos os outros lugares da Ordem, antes de terminar o capítulo, subiu ao telhado (cf. Lc 5,19) (...) 5 e, junto com os frades, começou a lançar para a terra as telhas que cobriam a casa, querendo destruí-la até os fundamentos.

6 Mas alguns soldados de Assis, que estavam ali para guardar o local por causa da multidão de forasteiros que se reuniram para ver o Capítulo dos frades, 7 vendo que, com os demais frades, o bem-aventurado Francisco queria demolir a casa, imediatamente foram até ele e disseram-lhe: “Irmão, esta casa pertence à comuna de Assis, e nós estamos aqui em nome dela. Por isso, proibimos-te de destruir a nossa casa”. 8 Ouvindo isso, São Francisco disse-lhes: “Então, se a casa é vossa, não quero tocá-la”. E imediatamente ele e os outros frades desceram dela. 9 Por isso, o povo da cidade de Assis resolveu que, para o futuro, quem fosse o podestà da cidade, teria a obrigação de mandar repará-la. E essa norma foi observada todos os anos, por muito tempo.

REFLEXÃO

Neste trecho do Espelho da Perfeição vemos surgir novamente o tema da posse de habitações e lugares. Desta forma, podemos constatar que essa discussão deveria trazer grandes problemas aos frades, principalmente após a morte de Francisco. Já tratamos de forma profunda esta questão e devemos sempre tratá-la. Nossas fraternidades seculares devem estar atentas quanto a posse de bens imóveis. Pelo menos dois questionamentos devem estar sempre em nossa consciência: Qual é o objetivo de tê-los e qual será o seu uso?

Se não questionarmos é melhor nem possuir nada. Francisco demonstra medo de mudar o status da Porciúncula, que deveria ser o modelo para as moradias e lugares dos frades. Como dito anteriormente, a precariedade era fundamental para a vivência dos irmãos.

Vamos então nos deter em algo diferente que surge neste texto. O relacionamento da fraternitas e o entorno, ou seja, com a cidade de Assis. Qual seria o motivo dos cidadãos e autoridades se preocuparem com o bem-estar dos frades locais e daqueles que vinham para os capítulos? Já pensaram nisso?

Muitos vão dizer acertadamente – eles eram famosos e faziam bem a cidade. E direi a vocês que isso é uma chave muito especial para nossas fraternidades. Isso lança uma pergunta: como estamos nos relacionando com nosso entorno? Será que estamos suscitando a preocupação de alguém de fora com nossa situação, ou seja, com nossas necessidades?

Observemos esse trecho: “O povo de Assis reuniu seu conselho”. A força da fraternidade, mesmo que com um viver simples, despertou o desejo de ajuda dos cidadãos. Fez o povo se mobilizar. Fez com que quisessem abraçar aos irmãos. O amor que eles demonstravam pelos assisenses os levou à reciprocidade. Que amor temos demonstrado pelas comunidades que estão a nossa volta? Temos partilhado suas dores e felicidade?

Uma das características mais profundas do franciscanismo das origens e do movimento penitencial, ao qual estamos inseridos, é a proclamação do Evangelho através da fraternidade e de gestos fraternos concretos. Se nos trancamos e nos fechamos em nossas orações e devoções individuais não estamos abraçando o carisma que professamos ou não o entendemos.

Talvez sejam necessárias atitudes como a proposta por nossa Regra no seu item 15, que nos impulsiona a sermos testemunho com a nossa própria vida, promovendo a justiça, responsável por um renascer desta relação. Ou como no item 14, que nos direciona a nos juntarmos aos homens de boa vontade na construção de um mundo fraterno. Talvez seja isso que nos trará a confiança daqueles que presenciarem nosso testemunho.

Sobre essa necessidade de lermos os fatos que aconteceram com nosso fundador, de um modo especial também tratam nossas Constituições Gerais em seu Artigo 18:

1. Os franciscanos seculares são chamados a oferecer uma contribuição própria, inspirada na pessoa e na mensagem de Francisco de Assis, para uma civilização em que a dignidade da pessoa humana, a corresponsabilidade e o amor sejam realidade vivas

Por fim, devemos fazer poucas coisas, mas fazer o que é significativo. Irmos a orações, novenas, encontros de formação e outros é fundamental para a nossa vida fraterna.

Porém, nosso carisma se dá no encontro com o outro. Se não estivermos em sintonia, pelo menos com aqueles que estão em nosso raio de ação, alguma coisa não está funcionando. Pensemos nisto!

QUESTIONAMENTOS

O que este Capítulo do EP tem a te dizer como Franciscano Secular?

Será que sua fraternidade tem um contato tão próximo com o seu entorno como Francisco e seus irmãos?

O que estamos fazendo para nos relacionar com a sociedade e encantá-la com o nosso ideal?

CAPÍTULO VIII - COMO REPREENDEU SEU VIGÁRIO POR TER MANDADO CONSTRUIR ALI UMA PEQUENA CASA PARA REZAR O OFÍCIO.

1 Em outra ocasião, o vigário de São Francisco mandou começar a construir, no mesmo lugar, uma pequena casa, onde os frades pudessem repousar e rezar suas horas; 2 porque, devido à multidão de frades que vinham àquele lugar, os frades não tinham onde pudessem rezar o ofício. 3 Pois todos os frades da Ordem acorriam ali e ninguém era recebido à Ordem senão ali.

4 Quando a casa estava quase pronta, o bem-aventurado Francisco voltou àquele lugar e, estando na cela, ouviu o ruído dos que ali trabalhavam; chamando seu companheiro, perguntou-lhe o que estavam fazendo aqueles frades. Ele contou como era tudo.

5 Mandou chamar seu vigário na mesma hora e lhe disse: “Irmão, este lugar é modelo e exemplo para toda a religião; por isso, prefiro que os frades deste lugar suportem as privações e os incômodos por amor a Deus, 6 e os outros frades que vêm aqui levem o bom exemplo da pobreza para seus lugares. Pois, se os que moram aqui satisfazem plenamente suas comodidades, também os outros seguirão o exemplo de construir em seus lugares, 7 dizendo: Em Santa Maria da Porciúncula, que é o primeiro lugar da Ordem, constroem-se tais e tantos edifícios; também nós podemos construí-los em nossos lugares”.

REFLEXÃO

Neste capítulo observamos que o autor do espelho da perfeição, mais uma vez, trata do tema da posse de imóveis. Neste momento, certamente, o debate sobre a construção, compra ou recebimento de bens materiais como doação devia estar tomando conta das fraternidades da Ordem dos Frades Menores. Segundo Francisco, buscar a comodidade traria problemas para a vivência do que ele pensa do ideal dos frades.

E o que o texto tem de informações importantes para nós franciscanos seculares? Talvez a informação mais relevante seja a luta de Francisco contra a incoerência. Como exigir dos Irmãos uma vida simples, humilde e pobre se como instituição construímos palácios, catedrais e uma grande quantidade de edifícios?

A palavra coerência tem como origem a termo latino "cohaerentia", e trata da coesão ou relação entre uma coisa e outra. Na vivência da fé cristã a palavra deve estar sempre relacionada à prática. É isso que temos que almejar.

Segundo Thomas Morus, “Sê o que quiseres, mas procura sê-lo totalmente”. Nossas fraternidades não podem estudar e meditar sobre a pobreza e não vivê-la na prática. Como os novos irmãos e irmãs se sentiriam se isso acontecesse? Segundo Francisco, a incoerência não proporciona seguidores. A prática não pode se afastar da teoria, ou seja, da formação.

Pode ser que a coerência esteja também na necessidade da demonstração das fragilidades que todos nós seres humanos possuímos. Temos que mostrar que estamos a caminho. não estamos prontos. Como fraternidade, seja no nível que for, nossa obrigação é colocar um aviso de que estamos em construção . Desta forma, nossos simpatizantes e iniciantes terão a certeza de que como fraternidade cristã também somos passíveis de erros. Não devemos fazer propaganda enganosa.

Outro autor que trata do tema é Santo Inácio de Antioquia. Segundo ele, “É melhor calar-se e ser do que falar e não ser. É maravilhoso ensinar, quando se faz o que se diz”. Falar sem coerência é cometer verborragia. Os que virão ao nosso encontro nos acharão vazios.

Outra coisa importante é a noção de como o Testamento confirma esta ideia de que os irmãos são fundamentais para balizar nossa caminhada fraterna. Assim diz Francisco:

"E depois que o Senhor me deu irmãos ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver segundo a forma do santo Evangelho".

Será que temos observado nossas incoerências? Que som tem ecoado de nossos encontros e atividades da fraternidade? Será que não somos incoerentes? Temos que escutar o sentimento dos irmãos, inclusive dos que chegam. Abrir espaço para falarem o que tem passado. Muitas vezes achamos que o cronograma, a formação e os momentos que preparamos para nossos encontros são mais importantes que o ouvir ao outro. Será que isso é coerente?

Volto a uma temática anterior. A precariedade e o sentimento de peregrinação constante é o que marca nosso carisma. Temos que ser desapegados. Não podemos buscar a segurança total como fraternidades. Se não for assim, nosso discurso, ou seja, a base de tudo que estudamos em nossas formações, será vazio.

Fraternidades pomposas que falam de um Santo pobre. Irmãos orgulhosos que tratam de humildade. Proprietários de prédios maravilhosos onde nos trancamos e falamos de um irmão necessitado imaginário. Nossas ações devem ser guiadas pelo Evangelho. Outro questionamento importante, a partir deste trecho seria: O que Frei Francisco nosalaria? Será quealaria conosco da mesma forma que aos frades da Porciúncula?

QUESTIONAMENTOS

Somos uma fraternidade de espiritualidade franciscariana ou um clube de amigos que se encontram somente para rezar e não temos práticas coerentes?

O que nossa fraternidade precisa observar para viver sua espiritualidade de forma coerente?

CAPÍTULO IX - NÃO QUERIA FICAR NUMA CELA BONITA OU QUE DIZIAM SER SUA.

1 Certo frade, muito espiritual e muito amigo do bem-aventurado Francisco, mandou construir, no eremitério em que permanecia, uma cela um pouco afastada, em que o bem-aventurado São Francisco pudesse ficar em oração, quando lá fosse. 2 Quando o bem-aventurado Francisco chegou àquele lugar, o frade conduziu-o à cela. O bem-aventurado Francisco disse-lhe: “Esta cela é bonita demais!” 3 De fato, o piso era feito de madeira trabalhada com machado e enxó. “Portanto, se quiseres que eu permaneça ali, manda revesti-la por dentro e por fora com samambaias e ramos de árvores”. 4 pois, quanto mais pobrezinhas eram as casas e as celas, com tanto mais prazer morava nelas. Tendo o frade feito assim, o bem-aventurado Francisco permaneceu ali por alguns dias.

5 Certo dia, porém, tendo ele saído da cela, um frade foi vê-la e, depois, foi para onde o bem-aventurado Francisco estava. 6 Vendo-o, o bem-aventurado Francisco disse: “De onde vens, irmão?” — Disse ele: “Venho de tua cela”. E o bem-aventurado Francisco disse-lhe: “Porque disseste que ela é minha, doravante outro vai estar lá, não eu”.

7 Nós que estivemos com ele (cf. 2Pd 1,18), muitas vezes o ouvimos dizer a palavra: As raposas têm tocas, e os pássaros do céu, ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar sua cabeça (Mt 8,20; Lc 9,58).

8 E dizia também: “Quando o Senhor esteve no deserto, onde orou e jejuou quarenta dias e quarenta noites (cf. Mt 4,2), não mandou construir ali cela ou casa, mas ficou sob o rochedo do monte”.

9 E assim, a seu exemplo, nunca quis ter casa ou cela que dissesse ser sua nem jamais mandou construir. 10 E até, se alguma vez acontecia que ele dissesse aos frades: “Ide e preparai aquela cela”, depois não queria permanecer nela por causa da palavra do santo Evangelho: Não vos preocupeis (Mt 6,24; Lc 12,22) etc. 11 Por isso, perto de sua morte, quis escrever no seu testamento que todas as celas e casas dos frades fossem somente de madeira e barro, para melhor conservar a pobreza e a humildade

REFLEXÃO

Este texto aparentemente segue a linha dos anteriores, uma vez que assim como os outros trata da perfeição da pobreza. Ser pobre é o fundamento do ser menor. O autor do texto, que certamente fazia parte do grupo dos espirituais franciscanos, pesava a pena chamando a atenção sobre como deveria ser o modo de vida dos frades. Mas o que ele tem a dizer a nós irmãos franciscanos seculares? Já tratei disso anteriormente, mas neste

texto ele usa alguns elementos muito fortes para organizar seu pensamento. Estes elementos podem nos dar dicas de como viver de forma autêntica nosso carisma.

Nada é nosso! Tudo é transitório! Usamos, não possuímos e por isso deve ser partilhado. O que é nosso é de todos. Isso me faz lembrar de uma viagem que fiz quando ainda era bem jovem. Fui com meus pais visitar um casal de amigos de meu pai, que morava numa localidade litorânea da Bahia, bem distante de Salvador. Chegando lá, fomos surpreendidos com a seguinte situação: o casal saiu de seu quarto para nos ceder o lugar. Isso me marcou profundamente. Não tinham sentimento de posse. Para mostrar o quanto éramos bem-vindos, nos cederam aquele que deveria ser o melhor lugar da casa para descansar. Que reverência! Que desapego!

Outra coisa é a comparação com a precariedade de Jesus. O Evangelho esclarece que não podemos prender nosso coração aos bens. A natureza, ou seja, toda a criação, exceto os homens e mulheres, abrigam-se e alimentam-se a partir da Providência Divina. O Filho do Homem também. Não se preocupava com o ter.

Um pai ou mãe franciscana secular não pode viver preocupado ou angustiado em cuidar do que os pertence. Não é o mais importante. Em uma sociedade de consumo, como a que vivemos hoje, acabamos por nos entregar aos desejos materiais. Achamos que os filhos, por exemplo, precisam de tudo. Quantos filhos prefeririam morar na casa de barro que Francisco idealizou para seus frades e ter seus pais a noite para bater um papo ou aos finais de semana para passear e brincarem juntos... O ter para estes não é o fundamental.

Quando prendemos nossa atenção nas posses ficamos cegos. Deixamos o essencial de lado. Os frades do século XIV, que participavam do movimento franciscano no momento em que o texto foi escrito, vivenciavam exatamente esta discussão. Ou vivo uma vida segura, cuidando da pregação, da cura d'almas e do apostolado, ou vivo a precariedade ou a simplicidade.

Quando estas discussões começam em nossas fraternidades, logo alguns taxam de radicais os irmãos que pensam em não se preocupar com bens e viver uma vida mais simples. Fraternidades onde os irmãos são servidos, têm muitos imóveis que servem apenas para fazer renda e manter o luxo em suas sedes e igrejas, que não revertem suas rendas para realizar o bem entre seus próprios irmãos e entre aqueles que estão excluídos da sociedade, precisam repensar. Diante deste texto, o que o Poverello faria? Como ele olharia estes bens e este sentimento de posse das fraternidades?

Nada deve ser nosso! Se me acostumei a possuir, tenho que me desapegar. Tenho que deixar outro dormir no meu lugar. Temos que tornar nossos bens disponíveis. Nossas rendas devem reverter-se em objeto de transformação e misericórdia. Nada é nosso!

QUESTIONAMENTOS

Você já conseguiu se desapegar?

Sua fraternidade já conseguiu se desapegar?

Temos feito esta discussão sobre como deve ser nosso olhar sobre o que temos?

Como sua fraternidade trata os bens que possui? Se não tiver bens, como ela partilha o pouco que tem?

CAPÍTULO X (PARTE 1) - A MANEIRA DE ESCOLHER OS LUGARES NAS CIDADES E NELES CONSTRUIR, SEGUNDO A INTENÇÃO DE SÃO FRANCISCO.

1 Certa vez, quando se estava em Sena por causa da doença dos olhos, o senhor Boaventura, que dera aos frades o terreno onde foi construído o lugar, perguntou-lhe: “O que achas deste local, pai?” 2 São Francisco disse-lhe.: “Queres que eu te diga como devem ser construídas as casas dos frades?” Respondeu-lhe: “Quero, pai”. 3 E o bem-aventurado Francisco disse: “Quando os frades chegam a uma cidade onde não têm casa e ali encontram alguém que queira dar-lhes a terra necessária para poderem edificar um lugar, ter uma horta e todo o necessário, 4 primeiramente devem verificar quanta terra lhes é suficiente, levando sempre em consideração a santa pobreza e o bom exemplo, que em tudo devemos dar”.5 Dizia isso porque, de forma alguma, queria que os frades se excedessem à maneira dos pobres nas casas, igrejas, hortas ou outras coisas que usassem, 6 nem que possuíssem lugares por direito de propriedade, mas sempre morassem neles como peregrinos e forasteiros (cf. 1Pd 2,11). 7 Por isso, queria que não colocassem frades em grande quantidade nos lugares, porque lhe parecia difícil observar a pobreza em uma grande multidão. 8 E, essa foi sua intenção desde o início de sua conversão até o fim: que a pobreza fosse rigorosamente observada em tudo. 9 “Portanto, depois de verificarem a terra necessária aos frades para o lugar, deveriam ir ao bispo da cidade e dizer-lhe: Senhor, por amor de Deus e para a salvação de sua alma, tal pessoa quer nos doar tanta terra para que possamos construir ali um lugar. 10 Por isso, recorreremos primeiramente a vós, que sois pai e senhor das almas de todo o rebanho que vos foi confiado, das nossas e de todos os frades que vão morar neste lugar. Por isso, queremos aí edificar, com a bênção de Deus e a vossa” .

11 Dizia isso porque o bem das almas que os frades querem realizar, melhor o obtêm vivendo em paz com os clérigos, granjeando sua amizade e a do povo, do que escandalizando-os, mesmo conquistando o povo. 12 E dizia: “O Senhor chamou-nos para ajudar a sua fé e dos prelados e clérigos da santa Igreja. 13 Por isso, somos sempre obrigados a amá-los, honrá-los e venerá-los quanto pudermos. Pois, se chamam frades menores porque, tanto pelo nome quanto pelo exemplo e pelas obras, devem ser mais humildes do que as outras pessoas deste mundo. 14 E porque, desde o início de minha conversão, o Senhor pôs sua palavra na boca (cf. Ex 4,15; Is 51,16) do bispo de Assis, para que ele sabiamente me aconselhasse e confirmasse no serviço de Cristo. 15 Por isso e por muitas outras qualidades que vejo nos prelados, quero amar, venerar e considerar como meus senhores não só os bispos, mas também os mais pobres sacerdotes.

REFLEXÃO

Como um texto escrito em 1318, o Espelho da Perfeição, assim como os outros textos franciscanos, deve ser lido de forma contextualizada. As discussões internas da Ordem ficam evidentes no início da obra. Deve-se ou não ter moradias fixas? Como devem ser estas moradias se as tivermos? Qual deve ser nossa postura ao quisermos nos fixar em uma cidade? São perguntas essenciais em um momento em que a questão da retomada radical da pobreza está em pauta.

E para nós seculares, como devem ressoar estas dúvidas e as respostas que o autor coloca na boca de Francisco? Primeiro, o local deve mostrar que quem mora ali é pobre e simples. Às vezes temos a vontade de comprar um grande sítio, do qual não temos necessidade. Terra que não vai ser usada para nada. Para alimentar ninguém. Será que isso é correto? O fundador deixa claro que não.

Segundo Frei Almir Guimarães:

"A pobreza franciscana é um lugar social de solidariedade. Francisco pedirá a seus irmãos não somente que visitem os pobres, mas vivam entre eles, servi-los como pobres servem a pobres, submissos a todos. Os frades deveriam se assemelhar a eles por seu modo de vida e por sua mentalidade de desapropriação. Francisco não separa a pobreza material da pobreza em espírito tanto para os frades quanto para os leigos casados que queriam viver à maneira do Poverello".

Sendo assim, qual deveria ser a postura das fraternidades? Deveriam possuir grandes imóveis? Deveriam possuir muitos objetos e acumular muito dinheiro? Em nossas Constituições Gerais no Artigo 15 temos dicas sobre isso. No item 1 encontramos a seguinte afirmação: Empenhem-se os franciscanos seculares em viver o espírito das Bem-aventuranças e de modo especial o espírito de pobreza(...). Além disso, este trecho das Constituições tem outras afirmações muito esclarecedoras. Devemos viver a Pobreza Evangélica que nos fará mais dispostos a promover uma mais justa distribuição das riquezas. Através da vida em fraternidade e oração devemos fortalecer em nós a ideia de que precisamos reduzir nossas exigências pessoais, a fim de melhor partilhar nossos bens e dons. Outra ideia importante é a de que não podemos abraçar o consumismo e as ideologias que nos levam tratar como algo normal a exploração dos seres humanos. Será que ainda nos escandalizamos ao ver trabalhadores sendo obrigados a trabalhar aos Domingos, quando precisamos comprar alguma mercadoria? Ou achamos que é normal as pessoas se afastarem de suas famílias para nos servirem quando desejamos comprar ou usar algo?

A riqueza, a grande propriedade, o acúmulo de bens e outras formas de apropriação são contrários ao que uma fraternidade deve viver. No caso de herdarmos esta condição,

devemos administrar tudo sem causar escândalo. Tudo deve ser simples. Os pobres devem ser nossos companheiros. Nossos espaços devem ser partilhados e cedidos para fomentar o crescimento humano.

Neste texto, Francisco também chama a atenção para o tamanho das fraternidades. Quanto maior o número de irmãos maior será a necessidade. As fraternidades deveriam ser pequenas. E se forem grandes não há problema algum em se dividirem em grupos, a partir de afinidades e interesses. Isto também fica claro no Artigo 34 das Constituições que nos informa que (...) podem ser constituídos sob a direção do único Conselho, seções ou grupos que reúnam os membros que têm em comum particulares exigências, afinidade de interesse ou identidade de opções operativas.

Por último, o Poverello deixa outra dica para as fraternidades franciscanas que tentam se estabelecer ou realizar suas tarefas sem maiores percalços e seguindo os passos do nosso carisma: Viver em comunhão com a Igreja. Onde estiverem devem cultivar um bom relacionamento com os bispos e o clero em geral. Primeiro que as contendas atrapalham a missão que devemos realizar. Depois, porque como menores devemos ser compreensivos e buscar uma relação profícua com aqueles que podem ser parceiros e irmãos na construção do Reino de Deus na Terra.

Fazendo isso estaremos seguindo as orientações de nossa Regra no item 6:

"Sepultados e ressuscitados com Cristo no Batismo, que os torna membros vivos da Igreja, e a ela mais fortemente ligados pela Profissão, tornem-se testemunhas e instrumentos da sua missão entre os homens, anunciando Cristo pela vida e pela palavra. Inspirados por São Francisco e com ele chamados a restaurar a Igreja, empenhem-se em viver em comunhão plena com o Papa, os Bispos e os Sacerdotes, promovendo um confiante e aberto diálogo de fecundidade e de riqueza apostólicas".

QUESTIONAMENTOS

Com temos vivido nosso relacionamento com a Igreja de um modo geral, bispos, clero e outros movimentos, pastorais e grupos? Será que neste convívio reina o ensinamento proposto por Francisco no Espelho da Perfeição?

Será que nossas fraternidades e nossas vidas refletem externamente o que Francisco orienta em relação aos bens que construímos?

CAPÍTULO X - (PARTE 2) - A MANEIRA DE ESCOLHER OS LUGARES NAS CIDADES E NELES CONSTRUIR, SEGUNDO A INTENÇÃO DE SÃO FRANCISCO.

16 A seguir, recebida a bênção do bispo, vão e façam cavar um grande fosso em torno do terreno que tiverem recebido para a construção do lugar e plantem ali uma boa sebe em lugar de um muro, como sinal da santa pobreza e da humildade. 17 Depois façam construir casas pobrezinhas de barro e madeira e algumas celas, nas quais os frades possam de vez em quando orar e trabalhar para maior edificação e evitar a ociosidade.

18 Façam construir também pequenas igrejas; pois não devem mandar construir grandes igrejas, a pretexto de pregar ao povo, ou por outra razão, pois é sinal de maior humildade e melhor exemplo, se forem pregar em outras igrejas. 19 E se alguma vez os prelados e os clérigos, os religiosos e os seculares vierem a seus lugares, as casas pobrezinhas, as celas e as igrejas pequenas deles pregar-lhes-ão por si, e eles ficarão edificadas mais por elas do que pelas palavras”.

20 E disse: “Muitas vezes, os frades mandam construir grandes edifícios, rompendo nossa santa pobreza, para murmuração e mau exemplo ao próximo; 21 e algumas vezes, a pretexto de terem lugares melhores, mais santos ou para abrigar uma ocorrência maior de povo, por cobiça e avareza abandonam aqueles lugares e edifícios ou os destroem para construí-los grandes e excessivos, 22 e daí os que deram as esmolas e os outros que vêem isso se escandalizam muito e se perturbam. 23 Por conseguinte, é melhor que os frades construam edifícios pequenos e pobrezinhos, observando sua profissão e dando bom exemplo ao próximo, do que ajam contra sua profissão, dando mau exemplo aos outros. 24 Pois se, alguma vez, os frades abandonarem lugares pobrezinhos por outro mais conveniente, o escândalo será maior”.

REFLEXÃO

Vamos continuar nossa reflexão sobre o capítulo 10. Aqui o autor do texto cria uma narrativa com uma orientação de como deveriam ser os conventos dos frades. Inicia pelo muro. Sabemos que a Idade Média era um período onde inclusive as cidades tinham muralhas para defenderem-se dos inimigos. Quanto mais imponentes elas eram, maior era o poder do local. Segundo o texto os frades deveriam plantar uma espécie de cerca viva ou parede de taipa dentro de um fosso, o que deveria tornar esta proteção bem frágil.

Além disso, as moradias deveriam ser simples, pequenas e feitas de barro e madeira, que não trouxessem conforto, a fim de que os frades não ficassem ociosos. As suas igrejas também deveriam ser assim, pois a ideia era mostrar a humildade e demarcar o exemplo a ser seguido.

Vemos que o texto tem uma preocupação muito grande com a “opinião pública”. Apesar de muitos de nós acharmos que isto não é importante, deveríamos nos perguntar se realmente não o é. Sabemos que quando Francisco era vivo os frades deviam trabalhar. E o texto já foi escrito em uma realidade mendicante. Talvez por isso o zelo com o modo de vida.

Quanto a nós, seculares ,já tratamos muito sobre a questão de nossas propriedades privadas ou da fraternidade. Agora tem um detalhe muito importante, que é preocupação com olhar do outro. Ou seja, como estamos sendo vistos. Nós, como irmãos e fraternidade, como estamos sendo vistos? Já falamos um pouco sobre isso. Mas a temática é muito importante. A nossa coerência é fundamental. Como dizermos que somos franciscanos se o que aparece primeiro é a soberba?

Será que a forma como vivemos a fraternidade faz com que os outros membros da Igreja nos vejam como um “grupo de pessoas” que vivem a fé de forma convergente a do Poverello? Será que honramos nossa profissão? Nossa história está aí para mostrar o quanto já saímos dos trilhos da caminhada da penitência.

Igrejas riquíssimas, uma quantidade muito grande de imóveis e, por vezes, fraternidades aristocráticas que eram vistas como um centro de poder, onde se faziam negociatas e se tramavam maracutaias. Uma frase de Santa Clara Sempre aparece nessas horas: “Não perca de vista seu ponto de partida”.

Será o "ponto de partida" que nos fará enxergar qual deve ser nosso itinerário. Será ele que nos fará ver a importância da fraternidade. Fará nos ver que a vida humilde é fundamental. Mas, para isso, temos que sentir o gosto desse modo de vida. Temos que esquecer os muros de proteção e as construções magníficas. E aqui deveríamos refletir sobre dois pontos de nossa Regra:

11 - (...) os franciscanos seculares procurem, no desapego e no uso, um justo relacionamento com os bens temporais, simplificando as próprias exigências materiais; estejam, pois, conscientes de que, segundo o Evangelho, são administradores dos bens recebidos em favor dos filhos de Deus. Assim, no espírito das "Bem-aventuranças", se esforcem para purificar o coração de toda inclinação e avidez de posse e de dominação, como "peregrinos e forasteiros" a caminho da casa do Pai.

12- Testemunhas dos bens futuros e empenhados pela vocação abraçada em adquirir a pureza do coração, desse modo tornar-se-ão livres para o amor de Deus e dos irmãos.

Primeiro, um trecho, que já usamos anteriormente, onde fica claro que temos que viver de forma simples e humilde. E o segundo reforça que somos testemunhas, isso é, temos que mostrar à humanidade que para alcançar a vida eterna este é o caminho. Além disso, devemos nos empenhar a viver a vocação que abraçamos ao fazer a profissão.

QUESTIONAMENTOS

Será que estamos dando bom exemplo como nos diz o texto?

O que temos feito para tornar esta orientação uma realidade para nossas fraternidades?

Nossa fraternidade tem buscado se mostrar pobre ou poderosa aos olhos dos outros?

CAPÍTULO XI - COMO OS FRADES, SOBRETUDO OS PRELADOS E OS DOUTOS, SE OPUSERAM A ELE NA CONSTRUÇÃO DE LUGARES E EDIFÍCIOS POBRESINHOS.

1 Como o bem-aventurado Francisco havia estabelecido que as igrejas dos frades fossem pequenas e suas casas feitas só de madeira e barro, como sinal da santa pobreza e da humildade, 2 quis começar a reformar no lugar de Santa Maria da Porciúncula, particularmente com as casas construídas de madeira e barro, a fim de que o lugar fosse um eterno modelo para todos os frades presentes e futuros, pois era o primeiro e principal lugar de toda a Ordem.

3 Alguns frades opuseram-se a ele nisso, dizendo que em algumas regiões a madeira é mais cara do que as pedras, de modo que não lhes parecia bom que as casas fossem feitas de madeira e barro. 4 Mas o bem-aventurado Francisco não queria discutir com eles, principalmente porque estava perto da morte e gravemente enfermo. 5 Por isso mandou escrever em seu testamento: “Evitem os frades aceitar igrejas, modestas habitações e tudo o que for construído para eles, se não estiverem conformes com a santa pobreza, e morem nelas sempre como forasteiros e peregrinos”. 6 De fato, nós que com ele estivemos (cf. 2Pd 1,18) quando escreveu a Regra e compôs quase todos os seus outros escritos, damos testemunho (cf. Jo 21,24; 3Jo 12) de que mandou escrever muitas outras coisas, na Regra e nos outros escritos seus, em que muitos frades se opuseram, sobretudo nossos prelados e doutos, 7 e que hoje seriam muito úteis e necessárias a toda a Ordem. Mas, como ele temia muito o escândalo, condescendia com as vontades dos frades contra a sua vontade. 8 Entretanto, dizia isto muitas vezes: “Ai dos frades que se opõem a mim naquilo que sei firmemente ser a vontade de Deus para a maior utilidade e necessidade de toda a religião, mesmo que, contra a vontade, eu me submeto à vontade deles!”

9 Por isso, também dizia com freqüência a nós, seus companheiros: “Nisto consiste minha dor e minha aflição: que nas coisas que com muita trabalho de oração e meditação obtenho de Deus, por sua misericórdia e para a utilidade presente e futura de toda a Ordem, 10 e que ele me assegura estar de acordo com a sua vontade, alguns frades, em nome de sua ciência e de sua falsa providência, se opõem a mim e as suprimem dizendo: Isto tem que ser mantido e observado; aquilo não”.

REFLEXÃO

No texto, mais uma vez, o autor acentua a posição do fundador sobre a necessidade de se construir habitações e igrejas simples. Como os primeiros frades moravam em

barracas de madeira ele afirma que era desejo de Francisco que todos construíssem moradias assim. Não é esse o nosso caso, mas precisamos ser pobres.

As propostas do Pobre de Assis, de acordo com o texto, que parece ter sido escrito por um dos irmãos que estavam alinhados com os Espirituais, continuam a gerar intranquilidade entre os frades da Ordem. Creio que criaria entre nós também. Interessante que nas duas recensões da Carta aos Fiéis e nas duas primeiras Regras da Igreja aos Penitentes, a *Memoriale Propositi* (1221) e a *Supra Montem* (1289), este assunto não foi abordado. Talvez não houvesse uma preocupação quanto a moradia daqueles que eram da Ordem Terceira, uma vez que muitos dos terceiros eram nobres e burgueses.

Porém, na Regra e Vida de Paulo VI, a que hoje estamos a utilizar, temos o item 11 que trata da pobreza. Em um texto publicado pelo Nacional da OFS, que faz parte do Estudo da Regra, temos a seguinte afirmação:

"Nós como franciscanos seculares, fazemos à profissão de viver no estado secular, seguindo o Evangelho de Jesus Cristo, a maneira de Francisco de Assis. (...) somos chamados a viver o espírito de pobreza, uma das principais características do carisma Francisclariano.

A espiritualidade franciscana é fundada pela simplicidade da santa pobreza ao ter como base crucial a vida de Jesus Cristo, que escolheu ser pobre e humilde."

Também não trata de como devem ser nossas moradias. O que realmente não deve ser importante. O que importa é como usamos e pensamos nos nossos bens. Porém, já tratamos disso antes.

O autor do *Espelho da Perfeição*, justifica o porquê de não constar o material com o qual deveriam ser construídas as moradias no Testamento. Ele deixa claro que para Francisco a pacificação da fraternidade deve ser o objetivo maior. As propostas devem estar balizadas pelo ideal, mas sem trazer inquietação.

Talvez aqui uma reflexão interessante. Será necessário para nós individualmente e como fraternidade construir imóveis com metais dourados, os pisos mais caros e os móveis mais caros?

E temos também, mais uma vez, o discurso que reafirma o conflito entre os frades que eram intelectuais e os que não eram. Devemos ser uma tábua-redonda. Esse é o grande segredo da fraternidade. Creio que a demonstração de que o fundador busca conciliar as ideias, seja uma boa dica para aqueles que são votados para servir às fraternidades. Ouvir a todos e entender que devemos construir a caminhada juntos é algo muito inspirador.

Nossa pobreza deve ser interior, mas também exteriorizada. Devemos resplandecer a dádiva de ser alguém entregue a misericórdia. Devemos ser aqueles que acreditam que nosso caminhar é dirigido e gerido pelo Senhor através dos sinais que estão em todas as suas criaturas.

Se é a conquista de um bem ou de uma posição, o ter ou o poder, que me fazem caminhar pela vida, não sou franciscano secular. Temos que estar dispostos a encarar tudo como uma moradia simples. Não preciso estar armado, nem ter seguranças para defendê-la. Não deve ser algo que me torna superior aos outros.

Estas reflexões sobre a questão da posse nos possibilitam a meditar sobre que franciscanos seculares somos. Às vezes, a vida me possibilita ter um trabalho bom, que vai me proporcionar construir um grande patrimônio. Mas, para que ter um carro de meio milhão? Que mensagem vou passar para aqueles que me veem como franciscano? Estamos refletindo sobre isso nestes textos iniciais do Espelho. Existia, entre os frades, um grupo que criticava certas posturas e que queria um retorno às origens.

QUESTIONAMENTOS

Será que em nossas fraternidades haveria este tipo de debate sugerido no texto?

Se a resposta for positiva, quais seriam os motivos que levariam os irmãos a este debate?

CAPÍTULO XII - CONSIDERAVA ROUBO PEDIR ESMOLAS E UTILIZÁ-LAS ALÉM DA NECESSIDADE.

1 São Francisco dizia frequentemente estas palavras a seus frades: “Não fui ladrão de esmolas, pedindo-as ou usando-as além da necessidade. 2 Sempre aceitei menos do que me cabia, para que os outros pobres não fossem lesados em sua parte; pois agir ao contrário seria um furto”.

REFLEXÃO

Este capítulo é minúsculo. Parece que seria mais fácil seu debate. Mas não é, uma vez que trata de um assunto de muita importância na nossa trajetória. Muitos creem que inicialmente a principal forma de vida dos frades era a mendicância. Porém, antes dela vinha o trabalho. Na Regra Bulada Francisco afirma que: “Os frades a quem o Senhor deu a graça de trabalhar, trabalhem fiel e devotamente”...“afastando o ócio inimigo da alma”. Além disso mesmo diante da renúncia total de bens, autorizou a posse de ferramentas de trabalho para os irmãos.

Quanto aos Irmãos da Penitência ou Ordem Terceira de São Francisco, a questão da mendicância fica mais distante ainda, principalmente no que tange aos seculares. Tanto que as autoras Giovana Casagrande e Eleonora Rava, em seu texto “Penitentes Franciscanos: a Espiritualidade do Fazer”, afirmam que a Regra Supra Montem possibilitava a vivência religiosa dos terceiros de forma distinta. Havia espaço para os que tornavam-se pobres e se entregavam à Providência e para aqueles que mantinham seus trabalhos e viviam a penitência a partir de seu cotidiano.

Como leigos, os penitentes tinham em suas fileiras, entre homens e mulheres, trabalhadores, mercadores, nobres, que não dependiam da vida religiosa para manter-se. Porém, muitas foram as iniciativas de irmãos e irmãs terceiras que tinham como principal característica as obras de misericórdia. Muitos construíam, com os próprios recursos, hospitais, hospícios e outras obras. Mas, certamente, a mendicância fazia parte desta caminhada.

O autor chama a atenção para o uso que era feito do que se doava para a obra de Deus. Neste ponto já erramos muito. Basta vermos como foram administradas muitas das obras sociais administradas pela Ordem Terceira durante seus séculos de existência.

Não se trata de uma quantia para se ter luxo. Nem para satisfazer todas as nossas vontades e desejos como fraternidade. Ter um local para atender uma comunidade pobre, não é luxo, mas o uso e a forma como usamos o lugar pode tornar-se supérfluo.

Outro fator importante é que a esmola é para os pobres. Como irmãos da OFS não devemos viver das doações que são dadas para as obras de misericórdia. A fraternidade não deve depender destes recursos. Eles são para os pobres e excluídos, ou seja, se temos um patrimônio que foi construído a partir destas esmolas, elas devem retornar àqueles que foram seu alvo principal.

Lembremos: se fizermos de forma diferente seria um furto, de acordo com o texto da Regra Bulada. Nada disso tem a ver com as contribuições dos irmãos para a fraternidade. Porém, não podemos esquecer que, entre nós, por vezes teremos os irmãos e irmãs que vivem com grande dificuldade. Desde a primeira regra conhecida Memoriale Propositi, temos uma obrigação com estes irmãos.

A fraternidade precisa atender aos seus membros mais pobres ou que estão precisando de uma atenção especial. De que adianta um caixa com milhões e nossos irmãos e irmãs com necessidades? Por isso, as ministras e ministros precisam conhecer cada realidade, saber do que estão precisando aqueles entre nós que estão em dificuldades.

Retomando o pensamento do Poverello, se temos uma obra de misericórdia devemos lembrar que ela não vai atender a todos os doentes e necessitados. Por isso não devemos monopolizar estas ações. Devemos abrir espaço e mostrar as possibilidades para aqueles que precisam e, também, valorizar outros que fazem o mesmo tipo de trabalho que nos dispusemos a fazer. Devemos criar redes de ação. Ou seja, nos irmanar com outras instituições, quer sejam católicas ou não, a fim de podermos ajudar o máximo de pessoas que pudermos. Não podemos prejudicar ninguém para realizar nossa caridade.

Lembremos que nossa relação com o dinheiro deve ser de desapego. Não somos bancos. Somos fraternidades cristãs franciscanas. Mesmo que talvez tenhamos nos perdido pelo caminho, ainda há tempo de retomarmos a rota.

QUESTIONAMENTOS

- 1 – Sua fraternidade tem obras sociais? Como fazem para garantir o funcionamento?
- 2 – Qual a importância desta obra para a formação dos irmãos e irmãs?
- 3 – E quanto aos irmãos que não tem renda para se manter? Como a fraternidade lida com isso?
- 4 – O que seria a mendicância para vocês? Qual seu papel em nosso carisma?

CAPÍTULO XIII - COMO CRISTO LHE DISSE QUE NÃO QUERIA QUE OS FRADES POSSUÍSSEM COISA ALGUMA EM COMUM NEM EM PARTICULAR.

1 Quando os irmãos ministros procuraram persuadi-lo a conceder alguma coisa aos frades, pelo menos em comum, para que tão grande multidão tivesse algo a que recorrer, o bem-aventurado Francisco, em oração, invocou Cristo e o consultou sobre o assunto. 2 Ele respondeu na mesma hora, dizendo: “Eu vou tirar tudo em particular e em comum (cf. At 21,44; 4,32); estou sempre pronto a socorrer esta família, por mais que ela cresça, e sempre a sustentarei, enquanto confiar em mim” (cf. Sl 21,5).

REFLEXÃO

O autor do Espelho tem uma grande preocupação em demonstrar que o caminho dos franciscanos é dirigido por Jesus Cristo. Era Ele quem dava orientação a Francisco do que deveria ser a vida dos irmãos.

Vamos então falar sobre o discernimento. Para que nossas decisões sejam equilibradas precisamos criar uma atmosfera onde nossas escolhas estejam baseadas em nossas convicções que são construídas, a partir do contexto em que vivemos e de todas as experiências que passamos.

O que seria, portanto, discernimento? Partimos então da etimologia da palavra. O vocábulo discernimento vem dos termos em latim discernere e mentum. O primeiro significa discernir, "separar", "dividir", "decidir". Já o segundo, mentum, que na palavra é o sufixo mento, tem como significado "meio", "instrumento". O termo seria então a faculdade de escolher o certo, ter critério ou juízo; ou efeito de se distinguir com raciocínio sobre as coisas.

Neste caso a escolha da pobreza tanto coletiva como individual tem como base o discernimento de Francisco que foi alimentado por uma conversa entre ele e Jesus. Este diálogo elimina qualquer dúvida ou descrédito do caminho que o fundador escolheu. Isto porque seu discernimento é sacralizado.

No caso do texto o autor cria um selo para aqueles que escolhem a pobreza como caminho espiritual dos frades menores. Cristo vai garantir o sustento dos irmãos. Não há necessidade de acúmulo ou provisão, nem coletiva.

E nós franciscanos seculares? Temos que, por diversas vezes, discernir também.

QUESTIONAMENTOS

- 1 - Será que estamos dando bom exemplo como nos diz o texto?
- 2 - O que temos feito para tornar esta orientação uma realidade para nossas fraternidades?
- 3 - Nossa fraternidade tem buscado se mostrar pobre ou poderosa aos olhos dos outros?

CAPÍTULO XIV - A MALDIÇÃO DO DINHEIRO E COMO PUNIU UM FRADE QUE TOCOU O DINHEIRO

1 Verdadeiro amigo e imitador de Cristo, Francisco, desprezando perfeitamente todas as coisas do mundo (cf. 1Cor 7,33), execrava sobretudo o dinheiro; pela palavra e pelo exemplo, levou seus frades a fugir dele como do demônio. 2 Ensinava aos frades a esperteza de dar o mesmo valor ao esterco e ao dinheiro.

3 Um dia, aconteceu (cf. Gn 39,11) que um secular entrou na igreja de Santa Maria da Porciúncula para rezar e, para dar uma esmola, pôs uma moeda junto à cruz. Assim que ele se retirou, com simplicidade, um frade a tomou na mão e a colocou numa janela. 4 Quando o fato foi relatado ao bem-aventurado Francisco, vendo-se descoberto, o frade imediatamente pediu perdão e, prostrado por terra, ofereceu-se às chicotadas. 5 O santo censurou-o e repreendeu duramente por ter tocado o dinheiro e mandou que o retirasse da janela com a boca, que o levasse para fora da sebe do lugar e, com a própria boca, o colocasse sobre o esterco de um asno.

6 Enquanto o frade executava com gratidão o que lhe fora ordenado, todos os que viram ou ouviram foram tomados de grande temor e, daí em diante, desprezaram ainda mais o dinheiro, comparado ao esterco do asno; e, com novos exemplos, diariamente eram animados a desprezar sempre mais o dinheiro.

REFLEXÃO

O autor do texto trata de um dos temas muito citados quando se fala de São Francisco. A ideia de que o dinheiro é semelhante ao esterco reflete várias reflexões do Evangelho, entre elas a de Lucas 12, 13-21, que deixa claro que o dinheiro e sua cobiça são armadilhas que impedem o acesso à verdadeira riqueza, ser rico para com Deus.

Essa ideia vai além: o esterco tem duas características. A primeira é que é excremento e por isso possui mau cheiro e é sujo. Desse modo, possuí-lo de forma indiscriminada é sujar-se e ser fedorento, ou seja, tornar-se uma pessoa indesejável.

Depois, em um sentido mais profundo, a busca do dinheiro como algo fundamental faz crescer o mal no coração. Pois o esterco é adubo e tem a função de auxiliar no crescimento e fortalecimento das plantas. Por isso, o dinheiro é o adubo que faz crescer a ganância, a indiferença, a injustiça e o ódio, que são frutos do mal, que é simbolizado pelo diabo. É nesse sentido que Francisco fala, sem abandonar o outro.

Vejam os que ele faz um paralelo em que o valor atribuído ao dinheiro e ao esterco deve ser o mesmo. Poderia ter falado excremento, se sua ideia fosse somente atribuir a questão do indesejável, mas o trata também como adubo.

A narrativa, ao colocar Francisco em posição de correção a um frade que tocou no excremento e o fez colocar na boca, é um texto duro que demonstra a seriedade do fundador ao tratar do tema. Se foi realmente isso que aconteceu é difícil mensurar, mas pode ser uma alegoria, a fim de mostrar que ele não aceitava o dinheiro. O texto afirma que isso surtiu efeito no passado e chama a atenção sobre o fato, certamente para trazer o debate sobre como o dinheiro está sendo tratado no momento da escrita.

Por isso, aqueles que seguem a caminhada franciscana devem ver o dinheiro dessa forma. Ele pode ser o esterco, ou adubo de coisas boas, desde que saibamos partilhar e não coloquemos nossa vida em função dele. Além disso, deve ser fruto de nosso trabalho, pois como o Papa Francisco afirmou: “o dinheiro é o esterco do Diabo, que comanda escolhas dos homens quando se torna um ídolo”.

Por último, deveríamos escutar o conselho do livro de Eclesiastes, que nos aconselha dizendo: Quem ama o dinheiro jamais terá o suficiente; quem ama as riquezas jamais ficará satisfeito com os seus rendimentos. (Ecles. 5, 10)

QUESTIONAMENTOS

1 - Como o dinheiro tem funcionado em nossa vida?

2 - E para a fraternidade, que função tem o dinheiro? Trata-se de algo a ser partilhado na mesa do Senhor ou para acúmulo e detenção de bens?

3 - E quanto à sociedade, qual o tipo de escolhas temos feito na hora de selecionar os nossos representantes? Aderimos a propostas que buscam partilhar os bens e cuidar daqueles que precisam ou a propostas que defendem nossas propriedades e uma sociedade meritocrática?

CAPÍTULO XV- SOBRE EVITAR A MACIEZ E A ABUNDÂNCIA DE TÚNICAS E TER PACIÊNCIA NAS NECESSIDADES.

1 Revestido da força do alto (cf. Lc 24,49), este homem se aquecia mais internamente com o fogo divino do que exteriormente com a roupa do corpo. Execrava quem se vestia triplamente ou, na Ordem, usasse vestes macias sem necessidade. 2 Considerava sinal de espírito extinto (cf. 1Ts 5,19) uma necessidade provocada pelo prazer e não pela razão. Dizia que quando “o espírito é morno e, pouco a pouco, a graça esfria, é necessário que a carne e o sangue (cf. Gl 1,16; Mt 16,17) procurem o que lhes é próprio” (cf. Fl 2,21).

3 E dizia: “O que resta, quando a alma não tem delícias espirituais, senão que a carne volte para as suas? Então, o apetite animal se veste de necessidades, e o senso carnal forma a consciência. 4 Se meu irmão tiver uma verdadeira necessidade e correr logo a satisfazê-la, que recompensa terá (cf. Gn 29,15)? Apresentou-se uma ocasião de mérito, mas ele provou com acinte que não lhe agradava. Pois, não suportar com paciência as privações outra coisa não é senão voltar para o Egito”.

Enfim, em ocasião alguma queria que os frades tivessem mais do que duas túnicas, ainda que permitisse que fossem remendadas com retalhos. 6 Dizia ter horror aos tecidos finos e repreendia severamente os que faziam o contrário e, para confundi-los com seu exemplo, sobre sua túnica costurava sempre um saco (cf. Jó 16,16) grosseiro. Por isso, até na morte mandou que a túnica exequial fosse coberta com um saco. 7 Mas concedia aos frades forçados pela doença ou outra necessidade que vestissem outra túnica macia sobre a pele, contanto que por fora sempre se preservasse a aspereza e a vileza no hábito. 8 Pois dizia com a maior dor: “Ainda se relaxará tanto a austeridade, e dominará a moleza que os filhos de um pobre pai não se envergonharão de usar vestes de escarlate, mudando apenas a cor”.

REFLEXÃO

Esse texto trata sobre a diferença entre a necessidade e o desejo. Ou seja, utiliza a necessidade de cobrir o corpo para tratar da ideia de que quando não há uma vida de oração ou de meditação da Palavra e cultivo do interior as pessoas passam a buscar satisfação nas belezas exteriores e no conforto desnecessário, ou seja no desejo.

Para isso, o autor chama a atenção de que Francisco é o exemplo, pois, devido à sua espiritualidade, não sentia o desejo de vestir-se com vestes triplas e macias. O texto não faz um discurso radicalizado, pois cita que existem pessoas que necessitam vestir-se de forma adequada por limitações físicas. Além disso, hoje sabemos que as pessoas

possuem características diferentes e algumas precisam se aquecer mais que as outras, além de ter aquelas que têm alergias em relação a algum tipo de tecido e tudo o mais.

Porém, em um mundo onde pessoas passam fome, não tem onde morar, não tem trabalho, são refugiadas, não têm acesso a saneamento básico e água potável, comprar bolsas, sapatos, perfumes, casacos e vestuários de forma geral com valores astronômicos é uma contradição.

Essa crítica do autor, baseada na visão do fundador, está ligada ao contexto do crescimento comercial do período em que o movimento franciscano surgiu e se desenvolveu. A nobreza e os comerciantes ditavam a moda com tecidos e adereços vindos de vários lugares diferentes e, certamente, os frades, que viviam nas cidades, acabavam influenciados pelas novas modas e a necessidade de estarem mais bem vestidos, inclusive nas celebrações litúrgicas.

A prioridade em satisfazer os desejos do corpo é condenada no texto, pois ela não faz parte do caminho do cristão. Ele cita a volta para o Egito querendo mostrar que era um local de segurança para o Cristo. Local em que não teve privações. Ele teve que sair de lá, ou seja, colocar-se em perigo, para cumprir sua missão.

Segundo o autor, a austeridade é o caminho para a salvação. Quando nos deixamos levar, em nossa época, pelo consumismo desenfreado que caracteriza nossa sociedade, acabamos abandonando o nosso caminho. Além disso, ao abandonarem essa característica, os filhos de São Francisco o estariam envergonhando.

Nossa vida franciscana deveria ser uma vida baseada na necessidade e não no desejo. Ou seja, o segundo nos leva a realizar escolhas equivocadas que nos distanciarão de nossa profissão. A necessidade é o que nos fará chegar perto de Deus.

QUESTIONAMENTOS

1 - Como temos dirigido nosso consumo? Consumimos para suprir necessidades, ou somos direcionados pelo desejo?

2 - E em nossa vida fraterna, como tem sido realizado o consumo? Será que tem sido feito a partir de uma reflexão sobre a necessidade dos irmãos e irmãs e do entorno em que vivemos?

CAPÍTULO XVI - NÃO QUERIA SATISFAZER SEU CORPO COM AQUILO QUE JULGAVA FALTAR AOS OUTROS IRMÃOS.

1 Quando o bem-aventurado Francisco morou no lugar de Santo Eleutério, perto de Rieti, costurou, por causa do frio, alguns remendos por dentro de sua túnica e da túnica de seu companheiro, 2 pois trazia somente uma túnica, isto é, a habitual; por isso, seu corpo começou a sentir-se um pouco consolado. 3 Pouco depois, quando voltava da oração, disse com grande alegria a seu companheiro: “Eu devo ser modelo e exemplo para todos os frades; 4 por isso, embora meu corpo necessite ter uma túnica forrada, devo, todavia, considerar que os outros irmãos meus, que sentem a mesma necessidade, talvez não a tenham nem possam ter. 5 Por isso, tenho que condescender com eles, para sofrer as mesmas necessidades que também eles sofrem, para que, vendo isso em mim, eles consigam suportá-las com mais paciência”.

6 Mas quantas e quão grandes necessidades negou a seu corpo para dar bom exemplo aos frades, para eles suportarem com mais paciência suas privações, nós que com ele vivemos (cf. 2Pd 1, 18) não podemos explicar com palavras ou escritos. 7 Pois, depois que os frades começaram a se multiplicar, dedicou-se com grande e especial empenho a ensinar aos frades, mais com obras do que com palavras, o que deviam fazer ou evitar.

REFLEXÃO

Nesse texto a ideia principal é o exemplo que uma liderança deve dar ao grupo a que está servindo. Mais que um líder, no nosso caso, o ministro é um servidor. Aquele que deve orientar e cuidar dos irmãos e irmãs. Portanto, para Francisco, ele deve ensinar através do exemplo.

Jesus pregava, mas seus passos, narrados nos Evangelhos, é que nos fazem refletir sobre como devemos agir diante dos irmãos e irmãs. Se eu não assumo posições coerentes como ministro ou ministra, meus irmãos e irmãs de fraternidade também não o farão. A autocrítica é fundamental.

Devemos então pensar, por exemplo, como está aqui assinalado, como é a forma que me visto, que me dirijo a todos, que conduzo os trabalhos e tudo o mais. Será a partir disso que os irmãos e irmãs, principalmente os que estão em formação, se conduzirão na vida fraterna. Quanto a isso, nosso Pai Seráfico já nos avisou: Tome cuidado com a sua vida, talvez seja o único evangelho que as pessoas leiam.

Isso também deve ser levado em conta quando de nossos Capítulos Eletivos. Não se tratam de momentos de política institucional. Quem estamos escolhendo para ser o ministro ou ministra nada tem a ver com poder, dinheiro, discurso e outros elementos que em nada lembram os ensinamentos de São Francisco. O que deve ser levado em conta é se a pessoa é um exemplo e se, através da vida dela, será uma boa influência para a fraternidade.

Aos que vivem há certo tempo a dinâmica dos regionais e fraternidades, fica claro que nem sempre veem as eleições serem tratadas dessa forma. Por vezes, são grupos lutando pelo poder e pela oportunidade de colocar seus planos em detrimento da vivência fraterna.

Por isso devemos, antes das eleições, sempre lembrar dos elementos norteadores de nossa vida franciscariana. Depois desse exame devemos observar quem são os irmãos e irmãs que serão um exemplo, além de possuírem equilíbrio para servirem à fraternidade de forma realmente fraterna.

QUESTIONAMENTOS

- 1 - A partir de uma revisão de vida, será que constatamos que somos exemplo para nossa família e nossos irmãos?
- 2 - Como têm sido eleitos os ministros e ministras de nossas fraternidades e regionais? Será que estamos observando o exemplo colocado no texto?
- 3 - E os ministros e ministras, será que têm sido esse exemplo? Será que estão sendo chefes ou irmãos servidores?

CAPÍTULO XVII - ENVERGONHA-SE DE VERDADE QUANDO VIA ALGUÉM MAIS POBRE DO QUE ELE.

1 Uma vez, quando encontrou um pobrezinho, considerando sua pobreza, disse a seu companheiro: “A pobreza deste homem causou uma grande vergonha em nós e questiona muito a nossa pobreza; 2 pois sinto a maior vergonha quando encontro alguém mais pobre do que eu, porque escolhi a santa pobreza como minha senhora, como minha alegria e minha riqueza espiritual e corporal 3 e no mundo inteiro correu a notícia de que fiz profissão de pobreza diante de Deus e dos homens”.

REFLEXÃO

Quando nos deparamos com trechos como esse, nas hagiografias sobre São Francisco, podemos nos levar a análises errôneas. Muitos diriam que ele busca na pobreza uma glória ou uma forma de mostrar-se. Mas não é isso, certamente.

Ele reafirma aí seu pacto com a pobreza. Sua vergonha vem do fato de que mesmo ele tendo feito uma promessa a Deus, o mundo não o deixa ser o mais pobre. Ou seja, existem pobres que são tão pobres que não conseguimos imitá-los.

Assim como o Papa Francisco afirma na Fratelli Tutti, existem pessoas que são tão pobres e desprezadas que se tornam invisíveis e inservíveis. Isso certamente não acontecia com o Pai Seráfico. Tratava-se de um pobre que era procurado e tinha serventia para muitas pessoas.

Francisco sabia que por mais que abdicasse dos bens e do poder nunca sentiria o mesmo abandono que os outros pobres da sociedade. Ele tinha, na visão do povo, algo a oferecer. A pobreza dele era comemorada e corria o mundo todo, mas a dos outros trazia asco e repulsa.

Dessa forma, ele questiona se o caminho que escolheu realmente está coerente com o dos outros pobres. Ele tem consciência de que não é tão flagelado quanto os outros que acabam sofrendo o suplício da miserabilidade.

Por isso, devemos sempre questionar os caminhos que estamos seguindo em nossa vida cristã franciscana. Será que sentimos vergonha ou asco pelos pobres? Em uma sociedade em que a fome é uma realidade marcante em cada esquina, viela ou rua, será que nos mantemos confortáveis? Ou seja, será que não conseguimos ver que ter pobres com esses é uma derrota para todos nós?

São Francisco, mesmo abraçando as privações da vida, não cerrou os olhos para aqueles que não contavam com nenhum apoio ou olhar de caridade. Ficava envergonhado. Devia questionar, sentir que onde chegava as pessoas querem lhe servir, falar com ele e estar ao seu lado. Enquanto as irmãs e irmãos que não escolheram ser pobres eram ignorados, não recebiam ajuda e não tinham com quem conversar.

Como franciscanos e franciscanas temos que olhar a pobreza com esse foco. Se não conseguimos viver como eles, por ser uma situação muito ruim, deveríamos nos envergonhar diante da dificuldade material e solidão desses e dessas. Ao nos preocuparmos somente com nossa situação, achando que o que fazemos e o que somos são o maior sinal de fé, estaremos errando, pois temos que nos envergonhar diante do que nós, como sociedade, fazemos com nossos irmãos e irmãs, que por vezes não tem as mesmas condições que nós de viver uma vida digna.

QUESTIONAMENTOS

1 - Como nos colocar diante desse questionamento feito por Francisco, que é visto como um daqueles que seguiu de forma mais radical a pobreza?

2 - Como temos olhado para os irmãos e irmãs em situação de vulnerabilidade social? Será que estamos sensíveis a tudo que nosso país tem passado? Ou nos mantemos em nossas salas e templos apenas realizando nossos ritos sem nos questionar, assim como fez Francisco?

CAPÍTULO XVIII - COMO INDUZIU E ENSINOU OS PRIMEIROS FRADES A PEDIR ESMOLAS, PORQUE TINHAM VERGONHA.

1 Quando São Francisco começou a ter irmãos, alegrava-se tanto com a conversão deles e que o Senhor lhe dera uma boa companhia, e tanto os amava e venerava que não os mandava pedir esmolas, 2 sobretudo porque percebia que tinham vergonha de ir. Então, poupando-os da vergonha, ia todos os dias pedir esmolas sozinho.

3 Como isso o cansava muito, principalmente porque no século tinha sido um homem delicado e de frágil compleição, e também porque ficara ainda mais debilitado pela demasiada abstinência e austeridade. 4 Considerando que não podia carregar sozinho todo esse peso e que os outros eram chamados à mesma tarefa, mesmo que tivessem vergonha de fazer isso, porque ainda não sabiam bem como se fazia e não eram tão sensíveis para dizer: “Também nós queremos pedir esmolas”, 5 ele lhes disse: “Caríssimos irmãos e filhinhos meus, não vos envergonheis de pedir esmola, porque o Senhor se fez (cf. 2Cor 8,9) pobre por nós neste mundo e, a seu exemplo, escolhemos o caminho da mais verdadeira pobreza. 6 Pois esta é nossa herança, que o Senhor Jesus Cristo adquiriu e deixou para nós e para todos os que, a seu exemplo, querem viver na santíssima pobreza. 7 Na verdade, digo-vos que muitos dos mais nobres e mais sábios deste século virão a esta congregação e considerarão uma grande honra e graça ir pedir esmolas. 8 Então, ide esmolar com confiança e de ânimo alegre, com a bênção de Deus; e deveis ir esmolar com mais liberdade e alegria do que aquele que com uma moedinha conseguisse cem denários, 9 porque ofereceis o amor de Deus a quem pedis esmola, dizendo: Dai-nos uma esmola por amor do Senhor Deus. Comparando com Ele, o céu e a terra são um nada”.

10 Mas porque os frades ainda eram poucos, não pôde enviá-los dois a dois, mas enviou (cf. Lc 10, 1) cada um em separado pelos castelos e vilas. 11 E aconteceu que, quando eles voltavam com as esmolas que tinham encontrado, cada um mostrava ao bem-aventurado Francisco suas esmolas recebidas. E um dizia ao outro: “Eu consegui uma esmola maior do que a tua”. 12 O bem-aventurado Francisco alegrou-se por vê-los alegres e contentes. Desde então, cada um pedia espontaneamente a permissão de ir esmolar.

REFLEXÃO

Mais um texto que põe a nossa frente aspectos duros da vida dos primeiros frades, que ainda eram penitentes. Como já tratado, está explícito que o autor do texto faz da parte do grupo que queria ver os irmãos vivendo uma pobreza mais radical, por isso ele trata aqui

da questão do pedir esmolas. Sabemos que com o tempo essa prática foi se transformando, mas aqui o irmão chama a atenção que para o fundador esse era um traço fundamental.

Aqui podemos falar um pouco sobre formação. Vemos, de certa forma, um modelo de como Francisco pensava a iniciação dos irmãos no seu grupo originário. Primeiro ele os recebe. A recepção não tratava-se de um momento de pressão por participação. Na verdade, ele queria que os irmãos ficassem bem. Que se adaptassem. Principalmente, por tratar-se de uma ruptura muito grande na vida. Ele sabia disso, por isso não exigia muito no início.

Porém, isso não podia ser para sempre. Os irmãos não podiam tornar-se um peso para os outros. Mas é a formação que vai levá-los a esse discernimento. Por isso, Francisco mais uma vez vai ao seu maior exemplo, Jesus Cristo. Segundo o texto, ele informa que Jesus também pediu esmola. A pobreza do Senhor tornava-se então o exemplo. Assim como ele todos os que faziam parte do carisma iriam ser esmoleres. Pedir para alimentar-se ou para ajudar aos leprosos e desvalidos era uma das bases da vida que ele queria construir.

Para que entendessem, ele partilhava suas impressões e descobertas da caminhada abraçada. Outro ensinamento é que o amor aos pobres é retribuído pelo amor de Deus. Deixando claro que esse Amor não se comparava a nada que existia e nada que podia ser visto pelos olhos humanos.

Depois da formação ele passou a enviá-los. E aqui outra dica. Se a formação for frutífera os irmãos farão missão com grande alegria colhendo muitos frutos. Segundo o texto, ser penitente, ou irmão menor, não se tornou um peso. Todos queriam participar do trabalho. Não eram apenas sócios de um clube com direitos e deveres. Na verdade, passavam a entender que como irmãos tinham que servir o Reino. E aqueles que seguem o carisma franciscariano tem uma forma própria de vivenciar sua fé.

Esse trecho nos faz pensar sobre como está sendo feita a nossa formação. Que fraternidades estamos construindo? A recepção dos nossos iniciantes deve ser agradável em reuniões que demonstrem nossa espiritualidade. A formação deve ter conteúdo que os leve a conhecer como é a vida dos Franciscanos e Franciscanas seculares.

Para quem conhece a história das fraternidades penitenciais no século XIII e a forma como foram influenciadas pelos primeiros frades menores, sabe que alguns elementos, como o pedir e doar para quem precisa, são fundamentais e devem ser ensinados na formação. Sobre isso que se trata o texto. Nossa identidade está ligada à esmola. Esmola para a fraternidade cuidar de seus irmãos e para que o excesso seja levado para outros que não fazem parte da fraternidade.

Em um país que hoje, em 2022, tem 33 milhões de famintos, certamente temos irmãos entre nós com necessidades materiais. Devemos partilhar e esmolar com eles. Além disso, com certeza, na vila, na rua e na cidade em que nossa fraternidade se encontra devemos esmolar pelos que precisam. Nesse momento nosso carisma é fundamental.

QUESTIONAMENTOS

1 - Com temos feito a formação de nossa fraternidade? Será que ela leva nossos irmãos e irmãs a servirem ao Reino com alegria e tendo clareza do que é o nosso carisma?

2 - Nossa fraternidade tem sensibilidade para entender que alguns irmãos e irmãs precisam de ajuda? Partilhamos nossos dons com eles e com os outros necessitados?

3 - Quais aspectos de nosso carisma temos nos preocupado em transformar na vida daqueles que querem ser franciscanos e franciscanas seculares?

CAPÍTULO XIX - NÃO QUERIA QUE OS FRADES FOSSEM PREOCUPADOS E SOLÍCITOS PELO DIA DE AMANHÃ.

1 Nesse mesmo tempo, estando o bem-aventurado Francisco com os irmãos que então tinha, vivia em tal pureza com eles que em tudo e por tudo observavam o santo Evangelho ao pé da letra, 2 e isso desde o dia em que o Senhor lhe revelou que ele e seus frades vivessem segundo a forma do santo Evangelho. 3 Por isso, proibiu que o irmão que cuidava da cozinha pusesse os legumes na água morna à tarde, como é costume, quando devia dá-los a comer aos frades no dia seguinte. 4 Isso para observar a palavra do santo Evangelho: Não vos preocupeis com o dia de amanhã (cf. Mt 6,34). 5 E assim, o frade deixava para pô-los de molho depois das Matinas, quando já havia começado o dia em que deviam ser comidos. 6 Por causa disso, em muitos lugares, sobretudo nas cidades, muitos frades observaram por longo tempo o costume de não pedir ou receber mais esmolas do que lhes eram necessárias para um dia.

REFLEXÃO

Aqui o autor informa, mais uma vez, que o principal guia da vida cristã, segundo o que ensinou Francisco, era o Evangelho. Ou seja, seus ensinamentos e modo de vida estavam baseados na narração da vida de Cristo e das primeiras comunidades. As vezes, devido a nossa necessidade de organização e de hierarquização, queremos buscar em documentos da Igreja, escritos em contextos diferentes dos nossos, no Antigo Testamento e em outros textos a base do que devemos viver em nosso carisma. E segundo o que é informado, viver o Evangelho é o fundamental.

Essa é a introdução de um assunto muito importante. Ainda mais diante da forma como nossa sociedade vive hoje. Um dos grandes males que afeta a todos nós nos dias de hoje é ansiedade. Seria como se Francisco nos ensinasse o seguinte: queridos e queridas, nós franciscanos não devemos entrar na loucura dessa sociedade.

Hoje em busca de uma vida mais confortável e de um futuro melhor para nossa descendência, por vezes, vivemos atribulados, acelerados e preocupados com o que ainda vai acontecer. Por vezes não vivemos o hoje. Nunca estamos mentalmente no mesmo lugar em que estamos fisicamente. Não conseguimos descansar, abraçar, sorrir e conviver com aqueles que estão próximos. Isso, por vezes ocorre inclusive nas fraternidades. Elas deveriam ser um local de convivência e de trocas. E não apenas um grupo de trabalho que se reúne para se formar e seguir os planos previstos.

Quando nosso Pai Seráfico afirma para colocar o alimento de molho no outro dia e não na véspera, está exatamente informando que muitas coisas podem ser feitas depois. Pois, se adiantarmos, podemos não fazer as coisas que são importantes hoje.

Ansiedade é uma palavra que vem do termo latino *anxietas* que significa angústia, tem também origem no vocábulo *anxius*, que é o mesmo que perturbado, pouco à vontade e de *anguere* que significa apertar ou sufocar.

Ou seja, uma vida perto de Deus, não pode ser feita de angústia, de perturbação e de sufocamento. Para vivermos nosso carisma, não podemos viver somente pensando no amanhã como algo preocupante, que tem que ser resolvido logo, que deve ser pensado agora de forma absoluta. Se cremos no Senhor, não podemos temer o amanhecer, segundo George Bernard Shaw: “- A ansiedade e o medo envenenam o corpo e o espírito”.

Isso não quer dizer, que não devemos trabalhar, realizar nossas tarefas ou não buscar uma vida mais confortável. Nosso objetivo aqui não são os radicalismos baratos. O que temos que entender é que se deixamos de olhar as necessidades dos outros, de cuidarmos de nós, de conversar com os amigos e conviver em fraternidade no hoje, podemos nem ver o amanhã.

Além disso, outro trecho que chama a atenção, é aquela que diz que os irmãos não pediam e nem recebiam esmolas mais do que o necessário para um dia. Ou seja, não tinham medo do outro dia. O medo de não ter nos faz acumular. A ansiedade de não ter dificuldades durante a vida nos faz criar rotinas para abastecer o futuro, de forma que acumulamos mais do que precisamos enquanto muitos não o tem.

Por isso, Francisco ensina aos irmãos que deixem o trabalho de amanhã para a hora certa. Que não se deixem levar pelas ideias daqueles que não seguem o Cristo e que trilham um caminho de uma humanidade, consumista, egoísta e ansiosa e que não vê quão é importante parar e contemplar o Senhor em toda a sua criação e viver assim, como boa parte dela vive, sem acabar com sua vida por preocupações que não vão, por vezes mudar nada em sua vida.

QUESTIONAMENTOS

1. Será que estamos vivendo o Evangelho como nos pede o autor do Espelho da Perfeição?
2. O que podemos fazer, em nosso cotidiano, para vivermos esse ensinamento do texto?
3. Será que nossas fraternidades têm sido um espaço para a vivências do carisma? Ou será que é apenas um lugar de preocupações e ansiedade em relação ao que vai acontecer amanhã?

CONCLUSÃO

Espero que tenham gostado desse primeiro volume. Refletir e questionar é uma das formas melhores de vivermos a nossa fé. Pois assim, podemos escolher melhor os caminhos que vamos seguir. Continuarei a enviar esses textos para o site do Nacional da OFS e assim poder ajudar a construir em mim e em vocês a oportunidade de vivenciar de forma mais profunda nosso carisma. Paz e bem!

Jefferson Eduardo dos Santos Machado

jeffesm@yahoo.com.br

Facebook: @jeffersonmachado

Instagram: @jeffersonofs

Twitter: @ jefferson Machado